

Josias Pereira e Giovana Janhke

Produção de Vídeo nas Escolas: Educar com Prazer

Estudo de caso Escola Municipal Independência | Pelotas



Prefácio: Heloisa Penteado / USP

PRODUÇÃO DE VÍDEO NAS ESCOLAS

EDUCAR COM PRAZER

Estudo de Caso

Escola Independência/ Pelotas

Josias Pereira

Giovana Janhke

2012

ErdFilmes

Editora

Copyright by

Josias Pereira - 2012

Capa

Desenho: Camila de Andrade Rosa

Pintura: Leonardo Alves de Azevedo

Pereira, Josias – Janhke, Giovana

Produção de Vídeo nas Escolas: Educar Com Prazer

Estudo de Caso Escola Independência /Pelotas

ISBN: 978-85-907414 -4-2

1. Educação 2. Mídia 3 Pesquisa

Erd Filmes

Site: WWW.erd filmes.com.br

e-mail: erd filmes@gmail.com

Sumário

Sumário

Por que aprender a Fazer Vídeo?	5
O Começo de um Sonho.....	9
A Academia e a Emoção.....	31
Sentimento	33
A Escola Lógica.....	34
A Imagem.....	40
Neurociência e Educação:	42
Depoimento dos alunos.....	47
Segundo Momento - Bate Papo	51
Roteiros	57
O Dilema.....	57
Regina Quer Casar.....	63
O Velho Craque	68
Debutantes.....	74
Bolsistas do Projeto.....	91
Alunos do Projeto	92
Fotos dos Curtas.....	93
Referências Bibliográficas	97

POR QUE APRENDER A FAZER VÍDEO?

Heloísa Dupas Penteadó¹

Fazer essa pergunta é o mesmo que perguntar: “porque aprender a escrever?”

A escrita alfabética é uma linguagem importante na nossa cultura. Dela nos servimos para nos comunicar com pessoas distantes, para nos informarmos e também para nos distrairmos com livros e revistas. As receitas médicas, as receitas culinárias, o destino dos ônibus urbanos, do metrô, dos aviões nos aeroportos, dos ônibus interurbanos, interestaduais, interpaíses nas estações rodoviárias, nas placas com nomes de ruas, nos nossos documentos, como carteira de identidade (RG), cadastro de pessoa física (CPF), a nossa certidão de nascimento, tudo isso é feito com a linguagem ortográfica.

Além disso, quando passamos para estágios mais avançados da alfabetização e avançamos nos conhecimentos da escrita, da leitura e da compreensão de um texto somos capazes de entender o que está escrito e o que deixou de ser escrito sobre o assunto focalizado. Isto porque assim como aprendemos com textos de boa qualidade, também podemos ser enganados por textos que mascaram e/ou deixam de considerar aspectos negativos do assunto tratado. Mas ao aprendermos a ler e interpretar um texto nos tornamos “críticos”. Ou seja, simplesmente “não o engolimos goela abaixo” o assunto tratado. Somos capazes de pensar sobre o assunto tratado. Somos capazes de indagar sobre o que se afirma no texto e também

¹ Licenciada em Ciências Sociais, mestra em Sociologia e doutora em didática pela universidade de São Paulo. Pesquisadora da área de formação de professores e Pedagogia da Comunicação.

até de indagar o que não está dito sobre o assunto e por quê. Indagamos quem escreveu aquele texto, para que, com que intenção.

Pois bem, o que tudo isso tem a ver com aprender fazer um vídeo?

Um vídeo é feito predominantemente com linguagem videográfica. Os signos da linguagem videográfica são imagens da realidade do assunto a que se refere, além de poder incorporar a linguagem alfabética.

Diante de um vídeo a sensação é de estarmos diante da realidade. Mas quando aprendemos a fazer um vídeo entendemos que as imagens nele focalizadas não são a realidade mas uma “representação” da realidade, tomada de um determinado ângulo, através de recursos tecnológicos (câmera gravadora de vídeo, edição, música, cor, efeitos especiais) que nos permitem fazer algumas coisas como, por exemplo, montagem de cenas que desejamos, e que na verdade, podem não corresponder à realidade tal como ela é.

Quando se aprende a fazer um vídeo. Estamos aprendendo a “escrever” a linguagem imagética, ou seja, a registrar imagens, compondo o “texto videográfico”.

As imagens são os signos de linguagem videográfica assim como as letras são os signos da linguagem ortográfica ou alfabética.

Quando aprendemos a fazer um vídeo estamos aprendendo a “escrever a linguagem videográfica”. E assim nos tornamos críticos na leitura (recepção) de “textos videográficos”. Ou seja, simplesmente não engolimos os “textos videográficos goela abaixo”. Ficamos capazes de “pensar” sobre o que o vídeo apresenta. Passamos de uma leitura ingênua do texto videográfico (que tende a recebê-lo como “a realidade

dos fatos tratados”) para uma “leitura esclarecida”, para uma interpretação do texto videográfico que indaga quem fez esse vídeo, para quem, com que intenção. Ou seja, refletimos sobre o texto apresentado. Somos capazes de pensar sobre o que o vídeo mostra, que outros aspectos da realidade essa “representação” da realidade poderia mostrar, o que estaria faltando e por quê.

Considerando a sedução sensibilizadora de emoções que a estética das imagens provocam, este é um aprendizado muito importante na sociedade tecnológica em que vivemos, em que os textos videográficos estão expostos a nós em diferentes ambientes (residenciais, escolas, espaços públicos), além de serem também escolhidos e acessados por nós. Na “leitura ingênua de vídeos” é fácil nos deixarmos levar predominantemente pelas emoções. Na “leitura esclarecida de vídeos” fertilizamos as nossas reflexões com as emoções, alcançando assim interpretações mais completas, aprendizagens mais significativas, sobre o tema focalizado no texto videográfico. E assim nos tornamos aptos a nos comunicarmos com esse meio de comunicação imagético, seja lendo vídeos de outros autores , seja “escrevendo” nossos vídeos, de maneira esclarecida e esclarecedora.

O Começo de um Sonho

Em Março de 2011, na reunião do colegiado de Cinema da UFPel a coordenadora Lanza Xavier informou sobre o e-mail de uma professora da escola municipal Independência sobre uma oficina de vídeo. Todos os professores já tinham sua agenda do semestre organizada e sem tempo para contribuir com o projeto da professora, porém como gosto de trabalho nas escolas e meu doutorado é sobre produção de vídeo nas escolas achei que poderia ser uma oportunidade importante conhecer a escola e o projeto, e mesmo sem tempo demos um jeito. Minha orientadora, professora Tânia Porto, preocupada com minha falta de tempo para escrever a tese me recomendou em fazer o projeto e anotar tudo o que acontecia para caso seja necessário pudéssemos então usá-lo na tese. Marcamos a primeira reunião na UFPel no centro de Artes onde a professora Giovana, a diretora e a coordenadora pedagógica me apresentaram a ideia. Queriam algo simples, apenas ajuda para gravar um vídeo, porém apresentei outra possibilidade, uma oficina onde os alunos então pudessem aprender tudo sobre a magia do cinema, na ótica da realização e então sim, realizar os vídeos. Fechamos os dias de terça feira para iniciar o projeto.

Na época lecionava a disciplina de direção 1 para o curso de Cinema e convidei alunos desta disciplina para participar do projeto. Os alunos iniciaram o projeto Bruna, João, Leonardo, Camila. Em função de estágios e mudança de disciplinas em Julho alguns alunos saíram do projeto e entrou a caloura Gabriela Lamas.

Então, desde abril de 2011 até novembro do ano de 2011, desenvolvemos o trabalho que veio culminar com a construção de quatro pequenos filmes, totalmente pensados por alunos entre doze e dezesseis anos, cursando a oitava série do ensino

fundamental de uma escola pública municipal, situada no subúrbio da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

A professora Heloisa Penteado que no Brasil é uma das responsáveis pela difusão na pós graduação em educação sobre o conceito Pedagogia da Comunicação” em entrevista concedida ao autor relata que

“Educação é Comunicação. Pois toda situação de real comunicação é educativa, seja na educação escolar, seja na educação informal, na minha concepção a Pedagogia da Comunicação diz respeito especificamente ao professor, que necessita em sua formação da colaboração do educador, face aos múltiplos desdobramentos das tecnologias, que leva necessariamente a divisão social de trabalho e ao trabalho colaborativo e em equipe. (PENTEADO, 2012)

Sabemos, como profissionais da mídia, que fazer audiovisual (cinema, televisão, vídeo) é uma estrutura simples e complicada ao mesmo tempo. Sua realização é simples em função dos equipamentos que temos disponíveis hoje. Difícil é saber usar as teorias e essa tecnologia para a realização de uma obra audiovisual que funcione. Quando estamos em uma sala de aula realizando oficina, não pensamos no produto final, nosso interesse é no caminho que estes alunos percorrerão até a realização da obra. Esse é o mais importante e difícil, fazer o aluno dentro do contexto ir descobrindo um mundo novo, um mundo real, com os jogos políticos e econômicos. Muitos alunos surpreendem-se e decepcionam-se ao descobrir que a mídia é na verdade uma empresa e como toda empresa necessita de lucro. Como lucro é o objetivo, muitas coisas deixam de ser enfoque e outras são mostradas em função de seus acordos financeiros. Ou seja, o que vemos na televisão é apenas um ponto de vista de um grupo financeiro. De verdade, só temos a ilusão da realidade que a linguagem audiovisual apresenta. E o aluno ao desconstruir esta realidade fabricada, passa a ter uma visão diferente. Passa a saber fazer, a ser sujeito no

processo midiático e não mais simples espectador. Os meios de comunicação modificaram as relações humanas e também modificaram um pouco o ser humano e lembrando Marx “O homem modifica a natureza, modificando a própria natureza humana. O que vem a seguir, é uma tentativa que busca descrever e analisar esta experiência a fim de contribuir com discussões que visem empreender a produção de vídeo e materiais audiovisuais na escola, contribuindo para elevar o nível de aprendizagem nas escolas brasileiras ao realizar um trabalho onde o aluno, ao ser sujeito de sua aprendizagem, sinta prazer em participar das atividades pedagógicas, preparando-se para ser um cidadão consciente com relação ao papel social que a mídia exerce em nossas vidas.

Nosso objetivo com esse livro é dividir com você o sonho da realização de uma produção audiovisual em um bairro, que por sua estrutura de periferia, carrega em si todas as impossibilidades de inserção na vida social do município. Nesta realidade, realizar uma obra audiovisual é possibilitar aos alunos dividirem seu sonho com outros alunos. Mostrar que é possível sonhar e ainda aprender. Falo em sonho, pois quando se escreve um roteiro de um filme² o que se faz é dividir com os outros o seu sonho e o seu medo. Talvez você pense que é difícil fazer, talvez seja, mas o que é a dificuldade quando temos determinação de sonhar juntos?

Trinta alunos da Escola independência aceitaram o desafio e criamos, no ano de 2011, o projeto “Produção de vídeo nas Escolas”. O projeto foi idealizado para se ter prazer, para fazer da escola um espaço de boas lembranças, chegar em casa e o aluno falar com os pais sobre a escola, rir da escola, rir com o professor e do profes-

² Não irei usar a palavra filme dentro do contexto cinematográfico, mas como popularmente o curta metragem é chamado de filme ou filminho, então uso essa terminologia neste caso modificando o significado pré estabelecido.

sor. Afinal não sabemos de tudo, e nesta nova configuração de mundo, o professor tem muito para aprender para ser o orientador da nova geração e não um mestre supremo que tudo sabe e tudo compreende. Uma vez, li que alunos com problemas de aprendizagem significam que há professores com problemas de ensinar. Se o mundo mudou, a escola também. Não faço a apologia ao extermínio do modo tradicional de ensino, só tenho a convicção de que uma escola que não gera prazer, uma escola onde o aluno entra esperando a hora da aula acabar, não pode gerar um aprendizado convincente. Defendo que a escola deve gerar prazer, Prazer em conviver, em criar, em exercer o papel de sujeito, tanto dentro dos muros da escola, como na comunidade. Quando me perguntam o que eu sou, digo que sou um fazedor de sonhos e tento ajudar outras pessoas a sonharem acordado. Quer sonhar? Quer dividir seus sonhos com as pessoas? Nosso sonho começa com o sonho da professora Giovana Janhke, professora da escola Municipal Independência. Vem... crie seus sonhos também.

Ela que vai nos contar um pouco desta trajetória.

É mania de professora: a gente está fazendo outra atividade sem nada a ver com a escola, mas sempre acabamos por encontrar alguma coisa que serve direitinho para a aula. A família até reclama, diz que estamos sempre pensando em trabalho.

Então, em outubro de 2010 eu estava em licença de saúde, pois necessitei fazer uma cirurgia. Como estava em repouso, assistia a muitos filmes. Um desses filmes me trouxe a ideia de tentar algo parecido lá na escola, no ano seguinte, com a oitava série, alunos que estão em seu último ano nesta escola e que, portanto sempre merecem aquele carinho especial.

O filme que me despertou também foi feito a partir de oficinas de cinema realizadas em favelas cariocas, constava de cinco curtas que contam de forma muito singela e positiva, a vida na favela. Através de episódios do cotidiano, retrata a esperança, a honestidade, o lado bom das comunidades cariocas, tão degradadas pela violência apresentada na grande mídia.

Em abril de 2011, assistimos juntos ao filme, eu e os alunos da turma oitava A, da EMEF Independência. Eles ficaram a cada curta, nervosos, torcendo pelo herói com o qual se identificavam, com a certeza de que cada situação apresentada não iria acabar bem, pois os personagens centrais eram favelados que se viam envolvidos com problemas que atingem as grandes populações urbanas. O suspense era grande.

Aqui, já começou então, a intervenção pedagógica: na periferia, só existe crime? Quem mora aqui, assim como nós, está fadado ao fracasso? Só existe a desonestidade e a violência nas comunidades? Eram algumas questões que começavam a ser discutidas com dois propósitos: o primeiro era perceber a beleza que existe em suas vidas e, com isso elevar sua autoestima. O segundo, perceber que se pode fazer grandes roteiros a partir de fatos cotidianos, a crônica do dia a dia, pois já faz tempo que percebo, na minha prática de sala de aula que jovem até se preocupa com as grandes questões sociais, mas a gente só consegue elaborar soluções se mudarmos o que é possível em nosso entorno. Como docentes devemos apresentar para nossos alunos novas possibilidades de vida, de sonhos, pois eles são alvejados por construções sociais mostrando a periferia como um espaço onde nada de bom acontece, um espaço que deve ser evitado. Sendo assim, o dia a dia, as dificuldades financeiras, o desejo de ter algo e não poder ter, as frustrações juvenis, a falta de

perspectiva para o futuro que, via de regra, se manifestam com a gravidez indesejada e a evasão escolar, não são agenda dos conteúdos escolares. O distanciamento das visões de mundo de professores e alunos, quer seja por conflito de gerações ou de classe, também é causa de problemas de indisciplina e violência. Na produção de vídeo o debate contribui para que se reflita e supere estes obstáculos, para que os alunos e professores socializem sua visão de mundo, comuniquem a mesma representação social.

Considero que muitas abordagens de temas importantíssimos na sociedade e, portanto, agendas do mundo escolar estão fadadas ao insucesso mais por um problema de método do que por desinteresse da juventude nas questões do seu tempo. Depois, as pesquisas apontam que a escola não ensina a ler, não ensina a pensar e que os jovens estão cada vez mais alienados. Eles não têm paciência para ouvir professores discorrem horas sobre bullying, economia ou drogas e depois terem de “pesquisar na internet para escrever uma redação”. Evidente que eles optam pelo mais fácil: buscam nos sites de pesquisa recortam o texto e copiam. Os professores, por sua vez, ou nem leem ou atribuem ao aluno o selo de “analfabetos funcionais” que não sabem interpretar o que lêem. Então, já temos casos suficientes para comprovar que este modelo não funciona. Trabalhar com (nem tão) novas tecnologias requer mais que pegar informações prontas, requer produção. Para não ser mais um número nestas pesquisas é que procuro balizar meu trabalho sempre pelo lúdico, pelo prazer, pelo fazer eles mesmos. Quando o aluno faz um vídeo, depois de ver a obra pronta, ele a disponibiliza nas redes sociais, divide com os amigos, mostra para os parêntese até os inimigos. Sonha que seu trabalho tenha inúmeros acessos, torne-se um “viral”. Devemos confiar mais nos nossos alunos, eles são ótimos, tem

uma criatividade muito boa, mas precisam ser estimulados e orientados, pois uma das coisas importantes que o Projeto de Produção de Vídeo nos mostrou é que, inclusive a lógica da exposição na rede, dos novos limites entre público e privado (e privacidade/ intimidade) que mostram-se bastantes confusos atualmente podem ser debatidos ao longo das produções porque se trabalha com a exposição da imagem dos alunos. Questões delicadas e controversas como sexualidade, conflitos familiares, gravidez indesejada são abordadas pela lógica do sensitivo e não da informação. Afinal todo e qualquer adolescente tem hoje, informações de sobra sobre métodos contraceptivos, por exemplo, entretanto, o número de adolescentes grávidas só aumenta. Como já se afirmou o modelo educacional não está dando certo.

Trabalhando com esta lógica, a ideia é fazer intervenções positivas na construção da identidade destes alunos, valorizando sua comunidade, suas vivências, experiências. O grande mestre Paulo Freire(1981) já dizia que ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

E o que pode ser mais gostoso na sala de aula do que pensar na vida? Já que a escola é um espaço chato. Não são os pequenos dramas cotidianos que vão nos construindo como sujeitos? Nossas relações com o mundo aí fora que ainda nos é tão desconhecido? Se puder juntar estas divagações com toda a parafernália tecnológica que jovens adoram usar, então é capaz de a receita dar certo e a gurizada gostar de fazer o trabalho. Fazer o corpo se movimentar, fazer a mente pensar em soluções para resolver problemas do dia a dia. O cinema e a televisão trabalham com os signos universais, com as emoções básicas do ser humano. Buscamos sonhar e dividir o sonho e isso nunca se dá pela lógica, mas pela via da emoção.

Claro que não começo os alunos querem mudanças, desde que eles não as precisem construir, ou seja, querem fazer o que já se habituaram porque é mais fácil, não dá trabalho. Quando esse equilíbrio é alterado sempre tem problema, resistência e coisas do tipo, porém, depois de acertados os ponteiros eles sabem que as coisas podem dar certo e serem boas.

E foi o que aconteceu. A proposta que eu fiz para eles foi a seguinte: cada grupo de cinco ou seis alunos deverá construir um curta, cujo roteiro seja feito por eles, onde eles serão os diretores, produtores, editores, atores e que a história fale das suas vidas, das suas coisas. Serem criadores, falar para o mundo seus sonhos e medos, dividir um sonho acordado. Algo bem simples assim.

Todos, sem exceção acharam a ideia interessante, é claro que mesmo achando interessante alguns acreditavam que aquilo jamais ia dar certo, que eles jamais iriam encenar diante de uma câmera, outros que não seriam capazes nem em outra vida de escrever um roteiro, outros ainda que seus pais não deixariam mesmo, outros que seria um trabalhinho de aula e que eles não iriam fazer, depois faziam a prova de recuperação e passavam. Ledo engano...

O bom é que também houve aqueles que se apaixonaram pela ideia. E foi muito mais pelo trabalho destes do que pelo meu ou da equipe que executou o projeto que as coisas aconteceram. Os alunos se apaixonaram com as possibilidades que foram se abrindo. Mas sempre aparece aquela dúvida, criar o quê? Por isso que existe a necessidade do professor orientar e mostrar o que é possível e o que não é possível ser feito.

Como o trabalho era em grupos, de livre escolha dos alunos, uns traziam os outros, o comprometimento era com os colegas, não com a professora. Alunos de outras escolas e os que já saíram da escola participaram, pois era um trabalho afetivo e não lógico. Foi interessante ver que eles tinham uma meta, não ganhar nota, mas desenvolver um produto. Então, debatemos com eles a possibilidade de criação da mensagem que vai ser passada para o público³? Aqui usamos como referência o público alvo estudantes de escolas públicas como eles. E daí para que quem não estivesse acreditando no trabalho começasse a fazer dar certo foi um instante.

Agora começa o impasse: como chegar lá? Como é que se faz isso?

Eu também não sabia, sou só uma professora de Língua Portuguesa, formada em Letras. Na nossa cidade tem uma universidade federal, conceituadíssima. E tem um curso de cinema lá. Como já disse, a universidade é pública, então tem como dever colocar sua produção acadêmica a serviço da sociedade. Minha escola também é pública, então é só estabelecer o contato, é só combinar. Penso que a sociedade deve cobrar das universidades federais ajuda, pois a universidade trabalha com três tripés (Ensino – Pesquisa – Extensão) e é justamente a extensão que faz esta ponte entre a academia e a sociedade. Devemos como cidadãos conscientes cobrar estes trabalhos das universidades federais, já que existem professores pagos pela sociedade para trabalhar em regime de dedicação exclusiva para justamente pesquisar e realizar extensão. Acho que dos dois lados, tanto da universidade como da sociedade civil, é necessário um diálogo para o enfrentamento das questões sociais, utilizando-se do conhecimento produzido nas universidades.

3 Aqui não faço referência ao cinema como arte, mas ao cinema como meio de comunicação preocupado com o seu público alvo.

Aqui, quero dizer que realmente as coisas aconteceram da forma como expus no parágrafo anterior, pois tive a sorte de cruzar com um professor da universidade que defende uma concepção que está começando a ser pensada tanto na academia quanto na escola de base: a de que a universidade tem de estar a serviço da educação em todos os níveis e de que as escolas têm de ir além de simplesmente aceitar estagiários dos cursos de licenciatura para estágios. A integração tem de ser maior, com a aplicação dos conhecimentos das mais diversas áreas acadêmicas na escola. Assim, todos os alunos saem ganhando, do fundamental ao superior. E também todos os professores. É interessante para os alunos das universidades este contato com a realidade. Muitas vezes a realidade da escola pública não faz parte do dia a dia do ensino superior, que ganha conhecendo a cidade, seu entorno e as realidades a sua volta. Para um roteirista, por exemplo, é essencial conhecer outros pontos de vista, modos de pensar e de agir. O que o audiovisual faz é, em muitos casos, reproduzir a realidade que vivemos, ou queremos viver.

O próximo passo agora era vender a ideia para a direção da Escola e para os pais dos alunos, depois encontrar quem soubesse trabalhar com cinema e topasse nos ajudar. Os pais acharam ótima a ideia, mesmo que seus filhos tivessem que andar feito uns malucos filmando pelas ruas do bairro e acho até que gostaram da ideia dos meninos levantarem cedo pelo menos às terças feiras (já que as oficinas aconteceriam em turno inverso). Os pais também não criaram nenhum tipo de oposição, pois já conhecem meu trabalho na comunidade há quase vinte anos. É interessante e gratificante saber que em eras de descredito da escola junto às comunidades, nosso trabalho ganha o aval das famílias. É o reconhecimento do trabalho responsável que sempre busquei realizar na minha profissão. Reconhecimento profissio-

nal no setor da educação pública nos dias atuais é muito bom.

Este tipo de trabalho tem que ter o aval da direção e dos pais, porque é um trabalho que necessita de tempo, debate, apoio dos familiares e da direção, não se faz dentro da sala de aula, ele perpassa outros espaços da comunidade e a família, muitos alunos conversam com os pais sobre o que podem fazer, o que criar. Fortalecem os vínculos com os mais velhos, pois os alunos ouvem as histórias dos avós para tentar reescrevê-las em seus roteiros. Estes aspectos fazem parte do processo educacional. A escola em vários momentos, fala em criar um cidadão e não pode esquecer que esse cidadão será feito de compaixão, de amor, de tristeza e de relações com o próximo. Acreditamos em uma escola onde o aluno contribua como um ser pensante, e não seja apenas um número para as estatísticas. Seres pensantes e seres felizes.

Quanto à equipe diretiva da Escola é preciso dizer que este tipo de iniciativa que ultrapassa os muros da escola, que traz gente de fora para trabalhar lá dentro, que faz com que os alunos utilizem os espaços além da sala de aula, este tipo de trabalho muda a rotina e incomoda. Ele só é possível de ser realizado quando na escola se tem pessoas que pensam a educação de forma diferente, como um processo integral e que tem a clara compreensão de que está administrando um espaço público, a serviço da comunidade. Isto parece óbvio, todos servidores públicos devem ter isto em sua cartilha. Mas não é assim a realidade das escolas brasileiras. O conceito de gestão democrática nem sempre é muito claro e as péssimas condições tanto de trabalho quanto salariais acabam por acomodar de forma generalizada os trabalhadores em educação. Por isso deve ser aqui também lembrado e agradecido as administradoras públicas Iara Nikel e Noslen Oliveira pelo seu senso em não querer apenas o óbvio, mas possibilitar aos alunos um crescimento além da lógica

da escola.

Por sorte, elas em seus cargos de diretora e coordenadoras pedagógicas da escola têm uma energia que supera os problemas, conseguem confiar e estimular seus professores e nosso projeto sempre teve o total apoio da equipe diretiva.

Outra constatação que se faz é que na escola acontece tudo ao mesmo tempo. É o “caos organizado” e conseguir se mexer e produzir neste ambiente é um desafio que foi bem interessante para os alunos da universidade, para mim e para os alunos. Constantemente é preciso negociar espaços, horários, os equipamentos já não estão mais onde deveriam, e por aí segue.

Mais um desafio vencido, era a hora de começar o trabalho. Professor Josias Pereira e seus graduandos do curso de cinema começaram a ministrar as oficinas. Antes, foi feita reunião com os pais e responsáveis pelos alunos e assinadas as autorizações para a cessão de imagem. A reunião com os adultos responsáveis é também um momento pedagógico importante. É aqui que se tem a oportunidade de apresentar nosso trabalho para a comunidade. Por um lado a comunidade reconhece a importância e o empenho da escola em oferecer um trabalho de qualidade, por outro, a escola percebe que a comunidade também está ansiosa por novos meios de educar, por inovações e que, a revelia do discurso corrente na escola de que os pais não estão preocupados com o processo educacional dos filhos, eles têm grandes expectativas e torcem pelo sucesso da escola pública.

Nas oficinas, oferecidas todas as terças-feiras pela manhã, das 8.30h até 11.30h, horário em turno inverso, negociado com a direção da escola e que requeria duas horas a mais na minha carga horária, como trabalho não remunerado, alunos ti-

veram noções de roteiro, produção, direção de atores e direção e linguagem cinematográfica, decupagem de direção, aprenderam como manusear o equipamento técnico e, finalmente, partiram para as filmagens.

No período das oficinas, especialmente as teóricas, os alunos não demonstravam um grande entusiasmo, era como se eles estivessem ainda meio desconfiados do sucesso e aguardassem os próximos passos. Neste momento a oficina, em seu primeiro estágio, não se difere muito da escola tradicional, por isso a desconfiança. Fazer o que já faziam, acordar cedo para ouvir alguém falando era algo que acharam chato ou sem entusiasmo. Porém as coisas começam a mudar quando começa a prática de construção do roteiro. O que fazer? Afinal como se escreve um roteiro? O que é sequência? Cena é o que mesmo? Como fazer o seu público alvo entender o que você está escrevendo? Como passar a informação? O que é comunicação não verbal? E durante as aulas de Língua Portuguesa, ao longo do ano, as oficinas eram suporte pedagógico. Paralelo às oficinas, As atividades de aula, os conteúdos de gramática e os gêneros textuais trabalhados, diziam respeito à produção de vídeo, à linguagem do cinema e à leitura de imagens. Desta forma, houve um acréscimo na qualidade do ensino e também houve a possibilidade da inserção de mídias no processo educacional com um propósito crítico e reflexivo. Dessa forma, as avaliações obtiveram excelentes resultados, pois o que se apresentava sempre tinha uma opinião, um feedback que os alunos poderiam dar.

Com esta integração e todos os conteúdos, que antes eram descolados da vida, agora fazendo sentido, a cara de “o que eu estou fazendo aqui?” Perde espaço e surgem os primeiros sorrisos, brincadeiras entre os grupos. Era um caos a aula, mas um caos ordenado e engraçado. Tínhamos prazer de ir fazer a oficina e os alunos em

participar.

Ao final do projeto, foi pedido aos alunos que escrevessem sobre a experiência de fazer as oficinas, e depois, lendo os relatos, percebe-se que eles afirmam, em sua maioria que desde então não viram mais televisão e filmes da mesma maneira como viam antes. Agora percebiam o trabalho técnico que havia por trás das câmeras. Assim, cria-se um suporte para que estes jovens avaliem a qualidade dos audiovisuais a que estão sendo expostos pela grande mídia.

Atualmente, teorias como a Educomunicação e a Pedagogia da comunicação buscam casar o fenômeno das comunicações de massa com a educação via escolar para que a escola possa dar conta de refletir e discutir este novo fenômeno social com propriedade e preparar seus alunos para a intervenção cidadã no processo midiático.

Analisando a construção dos roteiros, segundo a visão docente, a tendência que se observa nos jovens é construir grandes épicos, com uma história bem contadinha, cheia de detalhes e explicações, para “retratar a realidade como ela é”. Como já se havia discutido anteriormente, a prioridade era para a crônica do dia a dia ao invés de profundas discussões de problemas sociais.

Uma coisa interessante é que os alunos, em seus roteiros, geralmente apenas re-produzem a representação social que vivem, seus medos, sonhos, desejos, amores, solidão. Em alguns pontos podemos rever e entender a solidão de nossos alunos e até seu medo em descobrir sua opção sexual. É um ótimo exercício para que o docente entenda não o aluno e a sua nota, mas o aluno como ser humano mais do que um número na chamada.

Nas oficinas realizadas deixamos os alunos livres para criar o que desejassem, porém fomos mostrando o que era possível ser feito dentro das possibilidades técnicas. Mas deixamos o tema livre, não interferimos, apenas mostramos que certas coisas não funcionam na tela do cinema e da televisão. Então, durante as aulas, também tivemos oportunidade de aprofundar a teoria dos Gêneros Textuais, que embasam os PCNs de Língua Portuguesa, pois ao escrever os roteiros usamos determinado gênero que tem suas características próprias em oposição a outros gêneros utilizados na escola como redações escolares, textos didáticos, e outros.

Ao longo da elaboração dos roteiros, acionou-se um processo que teve continuidade depois, durante as gravações e na edição: as cenas dependem de muitos fatores para serem filmadas, quer sejam condições técnicas ou de produção, então, a linguagem cinematográfica é diferente, cada gênero de expressão exige uma linguagem apropriada.

Ao dar-se conta da apropriação da linguagem necessária para a comunicação cinematográfica, os alunos estão construindo o conceito que baliza os PCNs, na área de Língua Portuguesa: estão apropriando-se das teorias dos “gêneros textuais”

“O conceito de gênero, tradicionalmente abordado pela Literatura e Retórica, passa a assumir, principalmente com base nos estudos de Mikhail Bakhtin, um elo entre o uso da língua na sua forma “natural”, ou seja, inserida num contexto sócio histórico, onde se confrontam as construções econômicas, semióticas e culturais produzidas ao longo da história da humanidade e as práticas de linguagem escolarizadas, confinadas às quatro paredes da sala de aula. As discussões se tornam mais explícitas, pelo menos aqui no Brasil, a partir da publicação dos PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998), dos PCNEM (BRASIL, 1999

e dos PCN+ (BRASIL, 2002), já que os documentos em pauta passaram a adotar o texto como unidade de ensino e os gêneros como objeto mediador do processo de ensino-aprendizagem.”(BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; NASCIMENTO, Elvira Lopes –Gêneros textuais e o livro didático: da teoria à prática - Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 7, número 2, maio/set. 2007.)

Ao refletirem sobre o uso da linguagem mais apropriada para cada gênero, comecem a fazer o uso social consciente da Língua. Começam a perceber as diferentes variantes linguísticas, o prestígio social de determinadas variantes em detrimento de outras, enfim, o ensino de Língua Portuguesa começa a fazer sentido, a educação bancária e gramatical dá lugar à leitura e escrita conscientes.

Ao entrar em contato com a linguagem cinematográfica, oportuniza-se a oposição com outros níveis e tipos de linguagem. Estes aspectos são inclusive conteúdos programáticos de oitava série. Assim como existem modos de escrever nas redes sociais, em trabalhos e na escola, devemos também conhecer a linguagem audiovisual para poder escrever o que se deseja.

E, finalmente, fruto da delicadeza das discussões nos grupos e com os acadêmicos da universidade- um pouco mais velhos que os alunos, mas não tão velhos a ponto de enfrentar o conflito de gerações que possam haver entre os adolescentes e seus professores- surgem os roteiros que a revelia de sua singeleza, carregam em seu processo pedagógico de construção, uma série de reflexões sobre temas tão caros à formação de um ser humano solidário e feliz. As histórias eram assim:

Em “Regina Quer Casar”, através da protagonista sonhadora que espera encontrar seu príncipe encantado, discute-se o conflito da gravidez na adolescência, o dile-

ma da traição e se acaba propondo assumir um destino diferente do casamento precipitado, em buscar construir por suas mãos o próprio destino, estudar, ter sua independência é prioritário em relação ao casamento. Esta é a mensagem que os jovens buscaram passar para seus pares.

Regina vive lendo revistas femininas, visitando sites de relacionamento e sonhando sempre em se casar. Entretanto, sua melhor amiga, que larga os estudos para trabalhar e construir uma vida conjunta com seu namorado, a convida para ser madrinha do casamento deles. Ao descobrir que está grávida, a jovem que está preste a casar, também desconfia que está sendo traída. Ao acompanhar todos estes dilemas vividos tão precocemente por sua amiga, Regina decide que tudo na vida tem hora e que o fundamental na sua idade é levar a sério os estudos para poder ter uma profissão e sua independência antes de tentar um relacionamento sério com alguém.

Um simples jogo de futebol transforma-se numa lição de respeito com a experiência e sabedoria dos idosos. Aprender com o outro, descobrir conhecimento em diversos espaços além dos muros da escola pode ajudar a reverter o preconceito social e levar o jovem a repensar suas relações com os mais velhos, esta é a temática proposta em “O Velho Craque”. Numa partida de futebol, falta gente para jogar, então um colega muito “nerd” vem completar o time, mas ao cobrar uma falta, manda a bola para longe do campinho e ela vai parar no pátio da casa de um velho muito ranzinza de quem todos têm medo. Os jogadores tentam entrar escondido na casa para retomar a bola e são surpreendidos pelo velho senhor. A surpresa, no entanto, é que o senhor os convida para entrar e lá eles descobrem que este solitário vizinho havia sido um famoso jogador de futebol. Os meninos ficam amigos do

velho e acabam, inclusive, por ganhar uma bola de futebol novinha.

No curta “Debutantes”, amigas de infância que sempre sonharam em comemorar juntas seu aniversário de 15 anos, encenam com humor e leveza os sonhos e as dificuldades em realizar estes sonhos quando as condições financeiras não ajudam. Questionam, desta forma, o consumismo a que o jovem é exposto e afirmam que o importante é a família e as grandes amizades no desenvolvimento dos jovens. Cinco amigas, na infância fazem um pacto de amizade eterna, enterrando junto objetos que lhes são muito importantes. O tempo passa e elas sequer lembram o episódio, embora continuem muito próximas. Ao completar quinze anos, desejam uma bela festa, mas o dinheiro das famílias é pouco, então elas decidem produzir por si próprias uma grande festa. A festa é uma sequência de desastres o que leva ao desgaste da amizade que as une. Porém elas percebem que o mais importante é a amizade e ao lembrarem-se do momento de infância, buscam refazer o pacto, desenterrando os objetos guardados. Os objetos trazem a sua memória o verdadeiro sentido da vida e as coisas que são realmente sagradas e importantes, fazendo-as superar os percalços e divertirem-se muito em sua festa.

A comédia e o talento do ator principal do vídeo “O Dilema”, só contribuem para a mensagem de que as relações, na adolescência, são, por essência, complicadas, mas também efêmeras e, em época de tanta violência juvenil, manter a amizade em detrimento de um namoro, é uma decisão sábia. Quando duas amigas estão muito felizes, pois ambas estão apaixonadas, elas descobrem, com a ajuda das outras amigas, que a paixão é pelo mesmo rapaz. Ao contrário do que tudo leva a crer, de que elas entrarão em disputa pelo amor do divertido menino, as amigas decidem manter a amizade e tocar a vida adiante. O “mocinho”, que estava num dilema

entre qual das amigas namorar, também não tem muito trabalho em arrumar uma nova namorada e tudo acaba bem.

A seguir, algumas questões das avaliações realizadas ao longo do ano, tentam demonstrar um pouco do trabalho de reflexão sobre os gêneros e a linguagem que puderam ser efetuados a partir do projeto de produção de vídeos e do interesse por filmes que este projeto suscitou.

(avaliação realizada no segundo trimestre letivo, com base no artigo: O ATOR DE COMPUTADOR, publicado na revista Superinteressante, set/2011, página 32, editora Abril):

1.O gênero do texto é:

() entrevista () crônica () reportagem

2.Qual é a diferença do ator referido no texto em relação aos outros atores:

() ele já fez papel de animal.

() ele atua em papéis irreais, de faz-de-conta.

() ele usa a tecnologia de captura de performance.

3.“mas com o tempo o cinema vai entender que ISSO não altera a essência do trabalho.” O pronome em destaque refere-se:

() ao desenvolvimento tecnológico

() ao cinema

() ao papel do ator

4.Ainda com base na frase da questão anterior, o ator entende que:

() um bom ator não deve usar a tecnologia dos efeitos especiais.

() a tecnologia não interfere na qualidade do trabalho do ator.

() a tecnologia pode vir a tomar o lugar dos atores.

5.“ Os primeiros filmes com efeitos especiais parecem piada se comparados aos atuais”. Onde é que a tecnologia do cinema vai parar?”Comenta esta questão da entrevista em um parágrafo de +/- cinco linhas:

(Avaliação realizada tendo como base um vídeo disponível na internet, onde uma cena do filme Harry Potter, tem as legendas editadas como se fossem faladas em diferentes regiões do Brasil.)

1.As legendas do vídeo reeditado são exemplos de:

() preconceito linguístico

() variante etária

() adequação da linguagem

() variante regional

2.Justifica a escolha da alternativa:

Muitos outros momentos serviram de reflexão e elaboração de materiais escritos, empregando os mais diversos gêneros textuais.

Parece-me importante abordar e registrar estes aspectos aqui citados porque, à revelia de todo avanço tecnológico e teórico dos campos ligados à educação, os professores ainda se cobram que seu trabalho seja justificado de acordo com os “conteúdos” que precisam “ensinar” aos alunos. Pois bem: busco demonstrar que meu trabalho neste projeto não foge absolutamente aos “conteúdos” exigidos da

minha disciplina, Língua Portuguesa, visto que estão de acordo com os PCNs e também com a grade de conteúdos e ser desenvolvido na oitava série, a saber: variantes linguísticas, níveis e adequação da linguagem e, principalmente, leitura e produção textual de diferentes gêneros.

Ou seja, nada de novo foi criado, apenas se buscou fazer bem feito e na prática o que as teorias e documentos referenciais da educação pública brasileira apontam. Optou-se por fazer do espaço/momento da sala-de-aula um lugar produtivo e prazeroso ao invés de continuar insistindo em fazer dele o espaço do descrédito da educação pública. Creio que esta é, aliada à cotidiana luta das categorias em busca de valorização e qualificação da educação, a arma mais poderosa com que contamos para realizar transformações que tornem nossa sociedade mais humana e igualitária.

Trabalhar com a produção de vídeo nos apontou muitos caminhos para educar pessoas que saibam exercer sua cidadania, pois ao lidar com as possibilidades de sua imagem em relação com a imagem do outro, criar histórias em conjunto e respeitando o pensamento do outro, é um exercício de socialização, de respeito e, sobretudo de valorização de si e do outro porque juntos e somente juntos podemos criar coisas novas. Juntos podemos pensar alternativas para uma nova forma de viver e superar os problemas que as gerações passadas nos impuseram e juntos podemos criar novos horizontes.

Os depoimentos dos alunos demonstram que são de pequenas mudanças que se constrói uma nova forma de ver o que nos cerca e, nestes depoimentos observa-se que muitas coisas mudaram neles ao longo de 2011.

As experiências vivenciadas nesta escola foram tão importantes que em 2012 o projeto de produção de vídeo, que surgiu como uma iniciativa isolada e despretensoiosa, expandiu-se para muitas outras escolas da Rede Municipal, através do convênio firmado entre a UFPel e a Secretaria Municipal de Educação. É com inenarrável gosto que vemos outras escolas viverem a mesma experiência que nós vivemos naquela sala de aula. E a Escola Independência? Aquela lá do subúrbio onde tudo começou? Bem, lá nunca mais será um lugar sem imagem ou sem imaginação. Lá os alunos continuam produzindo vídeos através da continuidade do projeto e também as turmas de EJA estão envolvidas. Este ano (2012) mais motivados, pois o trabalho do ano passado foi um sucesso e agora eles também estão concorrendo no I Festival de Produção de Vídeo Estudantil do Município!

A Academia e a Emoção

Prezado Leitor aqui irei abordar algumas teorias da academia que começa a ver o prazer como algo importante para o processo educacional. Parece estranho a escola falar de prazer, mas se for comprovado, como sugere a neurobiologia, que o prazer contribui no processo educacional. Como fazer o aluno ter prazer ao assistir uma aula nossa?

Irei apresentar como a academia vê a emoção. Aqui faço outra lembrança ao leitor, pois o meio audiovisual trabalha essencialmente com a emoção, com os sentimentos básicos do ser humano. Ver um filme, ouvir uma música não pode ser feito pelo lado racional, mas sim, sentir, é outra coisa, onde a lógica não pode compreender, se você não está compreendendo, deixe de ser lógico e apenas sinta. Em um primeiro momento devemos mostrar aos professores que a realização de vídeo por alunos pode contribuir para a sua aula não ser tão chata quanto os alunos criticam, e em outro momento mostrar aos docentes que fazer vídeo é fácil. Assim tendo uma base pedagógica para o uso e sabendo usar a ferramenta o professor está pronto a extrair o melhor que o meio proporciona. A tecnologia pela tecnologia pode contribuir apenas para afastar o docente da sala de aula, pois os resultados não serão como ele espera.

A simples existência do material e do equipamento na escola não parece ser suficiente para que o professor tome a iniciativa de integrar um novo tema e um material inovador em sua prática pedagogia cotidiana, ainda que este material seja de boa qualidade e corresponda aos interesses dos alunos e mesmo às preocupações do professor. (Belloni 2001, p.70)

Já existe no aluno a curiosidade diante das tecnologias. Vemos alunos que mesmo sem ler manual sobre o produto que compra, fica mexendo e vai aprendendo com outros alunos como fazer. Sabemos que a troca de experiência é forte entre eles. Assim que aprendem a usar a tecnologia, muitas vezes de modo não técnico, ate descobrem atalhos e outras maneiras de se fazer. Na análise de Lévy (1993), a imaginação é uma das áreas da inteligência mais potencializadas pelo hipertexto e a linguagem audiovisual.

O conhecimento (...) exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (Freire, 1977, p. 27)

Professor só tome cuidado para não pedagogizar o meio audiovisual, pois se isso acontecer é a forma de não utilizar que de melhor ela apresenta, o sonhar, sentir. Em muitos momentos a escola deveria apenas apresentar, deixar a curiosidade do aluno construir o conhecimento e pesquisar sobre isso. E a vantagem de se produzir vídeo é justamente essa, ele é um produto que aceita a autoria de um coletivo, incentivando a necessidade de compartilhar sentidos, e também pode contribuir para a exploração da linguagem escrita durante todo o processo, principalmente o de pré-produção. Nosso foco não é no vídeo como produto final, mas no processo que o aluno leva para realizar a obra audiovisual. Para Ferres (1998) a linguagem verbal facilita o raciocínio, a forte articulação do pensamento, a classificação. A imagem, pelo contrário, está mais próxima da sugestão, da emoção, da intuição.

A Pedagogia da Comunicação deve considerar a importância do lazer, do prazer e envolvimento emocional existentes no ensino-aprendizagem, tornando-o dinâmico e interessante (Porto, 1998, 2002).

Um dos problemas que levanto é que na academia não há disciplinas que ensinem o futuro docente a utilizar os meios de comunicação na sala de aula e nem os programas. As aulas de informática ficam centradas no uso de programas básicos do Windows ou do software Linux. Por que não ter na universidade uma disciplina sobre o audiovisual suas implicações políticas e sociais e principalmente sobre sua linguagem centrada na emoção.

A emoção e a sensibilidade constituem porta de entrada no mundo dos meios de comunicação. Uma formação docente com mídias imagéticas vai além de relações lógico-cognitivas entre sujeitos. (porto, 2010, pg.)

Freire (1979) apresenta a necessidade de se conhecer a realidade do aluno no âmbito de compreender as diferenças culturais e as distâncias sociais existentes na escola e no contexto do aluno. O docente pode planejar e executar o curso, é a utilização do diálogo como meio da socialização de idéias capazes de gerar nos indivíduos uma mudança comportamental. Não seria tão melhor para você professor ver seus alunos pesquisado, fazendo as tarefas conversando discutindo a vida, o mundo querendo entender o motivo das coisas? Então pense que a produção de vídeo pode ser um caminho para colaborar neste processo educacional.

Sentimento

Afinal o que é sentimento? Segundo o Aurélio 20005 é a “Capacidade para sentir e sensibilizar”. E porque a academia tem medo desta palavra? Deste sentir? A escola

como conhecemos advêm da revolução francesa.

A Escola Lógica

A filosofia contribui para a criação da base do ensino moderno. Nesta educação a igreja começa a perder poder para a ciência e a transmissão dos conhecimentos. No século XVII surgem duas correntes que vão influenciar a educação: racionalismo e o Empirismo. Racionalismo tem na figura de Descartes o principal divulgador que apresentou um método (evidência, análise e síntese). A criança nasce como uma tabua rasa. Já o empirismo apresenta a experiência como sabe sem o uso do método, dentre eles se destacam Bacon e Locke. A burguesia não desejava uma pedagogia lenta e desatenta as novas condições de produção .O mundo da industria e do comercio sobre os quais a burguesia construía sua fortuna não penetrava nas suas escolas.

No século XVII se destaca Comênio que é considerado o pai da didática moderna para ele os alunos deveriam receber o ensino de forma prazerosa e eficiente. Ele lança a didática Magma, apresentando a universalização do ensino. Comênio contribui para reformulação pedagógica de diversos sistemas de ensino público nascentes. A burguesia necessitava de instrumentalizar culturalmente , formar seus quadros, formar o cidadão preparar as elites para o avanço tecnológico forjar escalões médios e difundir uma visão de mundo às camadas populares.

Com a revolução industrial 1750 e o crescimento urbano acelerado a burguesia já apresentava poder econômico faltando o poder político para se manter no poder. Assim inicia uma luta contra os privilégios do rei e defende os princípios de igualdade, liberdade e fraternidade. A burguesia tem um crescimento social e financei-

ro, porém não tem o poder político. É o fim das cruzadas, início do renascimento e com o crescimento das sociedades a educação passa a ser importante para a compreensão desta sociedade. Com a mudança política, sai a figura do Rei indicado por DEUS e surge timidamente a democracia onde o político é eleito pelo povo, mas não é qualquer um da população que pode votar, a princípio apenas camadas da sociedade podem votar e serem votadas. Assim a burguesia controla o espaço político para que seus filhos possam ser mantidos no poder através da política e na educação realiza mudanças para manter o seu status quo.

A nascente burguesia precisava de uma nova pedagogia que contribuísse com a manutenção de seu status, ela se alia a ciência e assim tenta a cada momento tirar da sociedade o poder dado a DEUS, pois esse DEUS é uma figura que se sente, não pela razão, mas pela emoção e neste momento a burguesia ascendente precisava tirar a emoção do espaço político e colocar o tal DEUS em um espaço que não atrapalhasse suas intenções. Assim a burguesia cria a visão de que não se pode unir a razão com o sentimento, já que são coisas diferentes e de mundos distantes. Cada um a seu modo, cria suas leis, a lei da ciência e a lei de DEUS. Assim a burguesia assume o poder político e usa das novas tecnologias para se manter no poder, no âmbito político freia as mudanças advindas da sociedade civil organizada e deixa DEUS criar suas leis no âmbito da emoção do sentir do intuir. Com o poder político e a modificação dos livros didáticos a ciência passa a responder tudo. Mesmo que cometa erros e a cada momento ela mesmo tenha que modificar suas arrogantes certezas. O que Kuhn vai chamar tempos depois de mudança de paradigma, ou como defende Moscovici é a minoria ativa que modifica o mundo. Essa minoria vê falhas nos padrões atuais e começa a apresentar alternativas de certezas defendi-

das pela ciência, ate que um numero x de pessoas da academia começam a ver essa minoria como certa e então a minoria vira maioria ativa e existe assim a mudança de paradigma.

“Comer ovo a noite a pessoa morre”, “O tamanho da cabeça da pessoa identifica sua inteligência”, na teoria de Ptolomeu (século II), a Terra está no centro do Universo, Paracelso (1493-1541) escreveu uma fórmula para a geração espontânea de um homem, deixando apodrecer o sêmen durante quatro dias. Galileu Galilei (1564-1642) considerava que os cometas não passavam de fenômenos ópticos. Errou ao atribuir as marés à rotação da Terra e não à atração da Lua dentre outras. Em alguns momentos a certeza da ciência é a certeza de sua arrogância.

Herbart, filósofo Alemão no século XVIII, defendia que através do estudo da matemática das ciências físicas e dos clássicos da literatura pudesse o processo pedagógico formar uma elite dirigente, sabia e capaz competente na tarefa de comandar as massas. A burguesia pressionada pelas classes trabalhadoras via-se na obrigação de sair de campo das promessas e efetivamente construir escolas. As grandes redes de ensino publico cresceram em consonância com a disseminação da pedagogia de Herbart. Era uma pedagogia elitista mais uma vez aplicada a amplas massas contraditoriamente dava resultados positivos. E de fato a extensão da escola publica, nos países de capitalismo avançado praticamente extinguiu o analfabetismo no inicio do século XX, o índice de analfabetismo em vários países europeus, não ultrapassava 0,2% (o analfabetismo no império alemão em 1905 era de 0.03%).

Outro intelectual importante na época foi Rousseau que apresenta o contrato social e modifica um pouco a visão da criança defendendo a idéia de que a criança não é um adulto em miniatura e é preciso entender o seu universo. Segundo Rou-

sseau “O homem nasce bom, a sociedade que o perverte”. (Gadotti, p35, 1993). O pensamento pedagógico Positivista consolida a concepção burguesa de educação.

Ainda no século XVIII surgem duas novas forças antagônicas de um lado o movimento popular socialista e do outro o movimento elitista burguês. Segundo Gadotti “Essas duas correntes opostas chegam ao século XIX sob os nomes de marxismo e de positivismo, representando por seus expoentes máximos: Augusto Comte e Karl Marx.” (Gadotti, p107, 1993). Durkheim foi um dos expoentes na sociologia da educação positivista, segundo o autor a educação é uma imagem e reflexo da sociedade. “A pedagogia seria uma teoria da prática social” (Gadotti, p109, 1993). No Brasil o positivismo inspirou a Velha república e também o golpe militar, segundo esta ordem o país seria governado pela racionalidade, surgindo assim a tecnocracia que no Brasil foi instaurada a partir do golpe militar de 1964. Já o pensamento pedagógico socialista nasce nos movimentos populares com o desejo de democratizar o ensino, destacamos Marx e Engels, Gramsci, Makarenko, Vygotsky. Assim percebemos que a cada teoria novas ações sociais são realizadas e a razão e a emoção se afastam. O problema das elites é que uma vez instruídas (alfabetizadas) as classes populares melhoravam qualitativamente suas formas de luta. Do sindicalismo passavam a participação política e assustavam a burguesia. Além do mais uma vez organizados as classes populares lutavam por uma redução da jornada de trabalho o que fatalmente iria lhes possibilitar maior tempo de lazer e de estudo. Isso certamente não agradava aos setores mais retrógrados da burguesia. Eram precisas modificações para dessas modificações passavam pela pedagogia. Assim no início do século XX a burguesia tinha plena consciência de que não era possível parar o processo de crescimento da rede escolar, se por um lado os trabalhadores

reivindicam escolas, por outro o próprio desenvolvimento urbano industrial exigia um mínimo de escolarização as classes populares. O impasse era justamente este como ceder aos trabalhadores mais educação, porém mantendo a escola como bandeira da tão desejada democratização, mas ao mesmo tempo negar aos trabalhadores acesso pleno a cultura?

A pedagogia de Dewey, centra-se nos alunos, são eles que devem não só formular o problema como também resolvê-lo. Em Herbart privilegia-se o resultado da aprendizagem, em Dewey privilegia-se o processo de aprendizagem. E o Brasil passa a usar a corrente de Dewey. Como isso ocorreu?

Segundo Ghiraldelli(1987) Até os anos vinte o principal credor do Brasil era a Inglaterra. Era a Grã Bretanha quem nos cedia grandes empréstimos, para bancarmos a política de socialização de perdas (valorização do café). Todavia após a primeira Guerra Mundial a Inglaterra começou a perder a hegemonia econômica mundial para os Estados Unidos. Em poucos anos o Brasil trocou de credor, aceitando empréstimos dos americanos e de outros bancos europeus. A influência americana não atingiu nosso país apenas em âmbito econômico. Em relativo pouco tempo, boa parte de nossa intelectualidade era cooptada pelo estilo de vida norte americano. O Brasil passava a ser vítima daquilo que hoje chamamos de imperialismo cultural. Assim junto com os empréstimos e com as multinacionais vieram também às obras pedagógicas. Foi assim que chegou até nós o ideário da Pedagogia Nova principalmente em sua versão deweyana. A partir de meados dos anos 20 iniciou-se uma polêmica que tenderia a se acirrar nos anos 30: Pedagogia Nova versus Pedagogia Tradicional. A Década de 30 foi um período muito agitado, iniciou-se com a Revolução de 30, que colocou fim a Primeira república e destituiu

o poder das oligarquias cafeeiras. O campo pedagógico não ficou alheio a essa atmosfera de efervescências ideológica se política. O debate entre a pedagogia nova e a pedagogia tradicional, se aprofundou. Os católicos e a própria igreja assumiam a defesa da pedagogia tradicional. Educadores liberais passaram a seguir e difundir as diretrizes da pedagogia nova. Essa luta culminou com a publicação do celebre Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Destes movimentos surge a pedagogia libertadora que em certo sentido se propunha a colocar os métodos da pedagogia nova a serviço das classes populares. O golpe de 1964 abortou a pedagogia Libertadora. A ditadura dos militares e tecnocratas associados ao capital internacional impôs aos pais mudanças sociais e pedagógicas que até os dias de hoje podemos sentir os reflexos. O próprio governo pós-64, elegeu então como teoria educacional oficial a pedagogia tecnicista. O objetivo governamental era inserir a escola nos modelos de racionalização do sistema de produção capitalista. A escola a escola como a empresa privada deveria ser eficiente. A pedagogia tecnicista julgou consultar o autoritarismo retirando o controle do processo de ensino –aprendizagem das mãos de alunos e professores, mas ao entregar a educação nas mãos dos meios de ensino (fitas, vídeo, textos de ensino programado, máquinas de ensinar etc) instaurou o autoritarismo impessoal da aparelhagem didática. E assim nasce a implicância com o vídeo sendo pensado como um instrumento, um aparelho tecnicista apenas. Em nossas pesquisas queremos colocar o vídeo em outro patamar, tirar essa representação social que o vídeo ganhou da época dos militares, de um lado um instrumento de denúncia de organizações contra o sistema político e de outro sendo usado apenas de forma tecnicista.

Desejamos apresentar e contribuir com essa nova visão do vídeo que já vive a reali-

dade dos jovens. “O trabalho com imagem possibilita participação ativa do espectador, que a trata como parceiro ativo, emocional e cognitivamente” (Aumont, 1993, p. 81). Qual a força a imagem?

A Imagem

Babin e kouloumdjian (1989) considera que a cultura do audiovisual potencializa novos hábitos de pensamento e ritmo habitual do raciocínio, o despertar do olhar, capacidade de operar conexões e associação de idéias, e este despertar faz desaparecer idéias de impossibilidades; além disso, favorece o desenvolvimento de intuições e mudança de visão que potencializam respostas a perguntas até então bloqueadas. Por isto Babin e kouloumdjian indicam que, numa sociedade como a que chegamos, considerada por eles como audiovisual, o simbólico, o lúdico, o artístico, o musical e o ecológico devem permear todo o contexto e, portanto, está no centro de nosso pensamento.

A decodificação da linguagem verbal exige complexas operações analíticas. A decodificação de imagens é quase imediata. A leitura desenvolve habilidades mentais relacionadas com a abstração, a lógica, a análise, a racionalidade. A imagem, ao contrário, desenvolve habilidades relacionadas com a concretização, a intuição, a síntese.

A linguagem verbal facilita o raciocínio, a forte articulação do pensamento, a classificação. A imagem, pelo contrário, está mais próxima da sugestão, da emoção, da intuição. (Ferres, 1998, p261)

E como fica a formação docente? Em que disciplina se ensina a sentir, a intuir?

O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser ‘educado’, vai gerando coragem”
(Freire, 1998, p.50).

Moran (2000) reconhece que a linguagem escrita desenvolve mais o “rigor”, a “organização”, a “abstração” e a “análise lógica”, enquanto que a linguagem audiovisual desenvolve “múltiplas atitudes perceptivas”, pois é uma linguagem que evoca constantemente a “imaginação” e confere à “afetividade” um papel de mediação neste mundo. A promoção da afetividade e cooperatividade tem sido uma bandeira levantada às portas do século XXI, em oposição às construções do passado/presente que forjaram um mundo diferenciado (Santos, 2000, p.20)

Rosa Fisher (2001) argumenta que aprender a lidar com esses artefatos da nossa cultura, investigando a complexidade dos textos, sonoridades, imagens, cores, movimentos que nos chegam cotidianamente através da TV, é também aprender a lidar com um jogo de forças políticas e sociais que ali encontram espaço privilegiado de expressão. O audiovisual como percebemos tem sido objeto de estudo de diversos teóricos, porem muda a sua visão de um espaço técnico para um outro espaço.

“O audiovisual é a mixagem, ou seja, é a mistura imagem-som-palavra em uma composição tão integrada que se apresenta como uma unidade”. (Babin, kouloumdjian, 1989, p. 39).

Porém a escola ainda se apresenta resistente a essas novas realidades que a sociedade já vive, será que é porque os detentores do poder não sabem como controlar o audiovisual na mão da população? Ou será que o audiovisual sendo entendido pela população perderá sua ação ideológica com as classes mais simples? “O medo

a mudança e a obsessão pelo passado tem levado a escola a inadaptação” (Ferrés, p11,1996)

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de ‘tomar distância’ do objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (FREIRE, 1977, p.95)

Essa mudança que a escola deveria repensar, porque não poder fazer também? Fazer cinema, fazer jornal, fazer novela, refazer e repensar a realidade de diversas formas de expressão. A cultura faz parte da sociedade e no momento a cultura entra na escola pela ótica da lógica de livros, mas porque não viver essa cultura? Parece que a escola está em constante desatualização, que é sublinhada pela separação entre a cultura e a educação. A cultura localizada num saber-fazer e a escola num saber-usar, e nesse saber-usar restrito desqualifica-se o educador, que vai ser sempre um instrumentista desatualizado. (Almeida, 2001, p8)

Moran (20010 afirma que: A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos.

Neurociência e Educação:

Aqui vou contar uma pequena brincadeira que fazemos com nossos jovens. No Brasil a escola cobra apenas o racional, enganamos nossas crianças, pois elas entram no jardim e utilizam o lúdico e brincam o tempo todo, porém ao termino do

jardim e início da primeira série é deixado de lado o lúdico e inicia a cobrança do racional, onde o aluno de 7 anos deve deixar de ser criança e se socializar no processo educacional para poder obter um bom trabalho no futuro. Podemos dizer que a escola só contribui para o desenvolvimento do hemisfério esquerdo do cérebro, deixando o direito de lado. Segundo o ganhador do prêmio Nobel de Medicina Dr Roger Sperry¹ o raciocínio lógico, o cálculo, análise são próprios do hemisfério esquerdo, já o hemisfério direito é intuitivo, usa a imaginação, o sentimento e a síntese. Flores (2003) comenta como a imagem está sendo utilizada para ensinar crianças portadoras da síndrome de down, a aprender a falar, o que se apresenta como um caminho em direção a palavra. Este experimento apresenta a importância da imagem no desenvolvimento do pensamento.

A imagem se converte em elemento socializador devido a sua relação direta com as emoções, o hemisfério direito está mais super-estimulado e a aprendizagem se realiza então, de maneira não consciente (Flores 2002, p129)

Segundo Ignácio Morgano,(2007) pesquisador da área experimental em neurociência cognitiva da universidade Autônoma de Barcelona, dos dois hemisférios que possuímos é o hemisfério direito que funciona a parti das imagens, principalmente as que criam maior impacto, sendo assim as emoções funcionam como um elemento catalizador que grava no cérebro o que é mais importante. Segundo o pesquisador a aprendizagem e a memória são caras de uma mesma moeda, e a memória é ativada pela emoção. Perceba prezado leitor que se existe emoção no processo de fixar a informação essa mesma informação pode ser acionada de formamais rápida pelo sujeito em questão. Por isso, o uso apenas do racional na educação formal pode ser um dos motivos dos problemas encontrados. Já o educador

chileno Juan Casassus (2009) defende que o conhecimento só ocorre se exerce ação sobre a emoção Para o biólogo chileno Maturana (1998) as emoções tem um papel importante no desenvolvimento do sistema biológico. Na perspectiva Walloniana, sem o vínculo afetivo não há aprendizagem, já que aprender é um investimento que o sujeito empreende, e o sujeito aprendiz surge a partir da qualidade e do clima emocional que este estabelece com seus educadores. (Parolin , 2008, p7)

Vemos que pela perspectiva de alguns pesquisadores tanto da área de psicologia, sociologia como da neurociência a emoção tem um papel importante no desenvolvimento biológico, social e na memória. Fazemos o paralelo com estas teorias e defendemos a tese de que a produção de vídeo contribui no processo educacional justamente por gerar no aluno o prazer e a emoção, a troca entre eles a relação entre os sujeitos é outra não é a do que sabe mais e a do que sabe menos decorar uma formula, mas a troca de experiências de vida, de emoções. É a base da socialização primaria (Berger 2005)e do capital cultural incorporado (Bordieu 1998) porém essa emoção é descartada na escola formal, que só cobra o decorar, o repetir um procedimento vale mais do que o pensar novas possibilidades.

Temos uma cultura antierro que afasta o aluno da experiência onde só é valorizado o que é academicamente certo, o que impede o aluno de propor hipóteses e testar a sua idéia, já que o professor passa o que é o correto, o que já foi experimentado e aceito. E só resta ao aluno repetir o que foi ensinado, sem criar, sem utilizar o hemisfério direito do cérebro. E como o aluno pode crescer sem a experiência do erro? Criamos um processo educacional esquizofrênico, já que o professor passa uma coisa que ele não experimentou que apenas decorou e ganhou títulos e repete o enfadonho para a nova geração. Por outro lado a escola deve ser um espaço para

a formação plena do cidadão, mas como formar um cidadão pleno decorando formulas que não são usadas no dia a dia e deixando de lado o audiovisual que já faz parte do dia a dia da população? Estranho? Não, essa é a realidade brasileira, depois os governantes não entendem porque o Brasil fica atrás dos demais países latinos americanos no setor educacional. Claro não estou aqui tirando o papel e o poder da política nestes casos.

Existem novas formas de socialização, novas formas de educação. Para Pretto (1999) Tudo que é aprendido fora da escola é visto com desconfiança, marcando a diferença entre a aprendizagem sistemática e a aprendizagem assistemática. Já Pierre Lèvy (1993) chama detecnologias da inteligência a medida em que possibilitam uma transformação da ecologia cognitiva. Mudanças sociais contribuem para mudanças cognitivas, no caso relembremos Marx quando afirma que o homem modifica a natureza modificando a própria natureza humana. Assim, na medida em que a informatização avança, certas funções são eliminadas, novas habilidades aparecem, a ecologia cognitiva se transforma...(Levy, 1993; p54). Segundo o pesquisador Joel Birman⁴ (2000) a imagem forma um tipo de subjetividade diferente de uma subjetividade anterior, que era formada, sobretudo, a partir do discurso.

“A localização do impacto da TV na subjetividade, teria que ser pensada diante de um contexto mais amplo, que é a produção de uma sociedade, de uma cultura centrada na imagem, em que a imagem tem um poder de captura, diferentemente de um discurso falado ou escrito”. (Birman, 2000, p2)

A produção de vídeo é uma realidade fora da escola e deve ser pensada de forma

⁴ Entrevista realizada pela TVE Brasil. http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/joel_birman.htm

que os professores possam se capacitar e realizar essa ação dentro do âmbito educacional. Pense nisso e vamos tirar o vídeo da representação social que tem hoje de apenas um aparato tecnológico para uma ação que pode ser usada dentro do processo educacional

Depoimento dos alunos

Realizamos uma entrevista com os alunos depois do processo para saber como foi recebido a realização. Como eles viram essa mudança dentro do comportamento normal da escola.

Para mim o projeto cinematográfico foi bom porque toda a escola participou. Eu fico triste por não ter gravado com o meu grupo e feliz por ter participado em outros grupos. Esse trabalho fez com que eu tivesse mais responsabilidade em ajudar os outros. Parabéns pelo projeto. (IGOR LUIS, 15 anos)

Antes do filme eu não tinha muito contato com os meus colegas,mas depois todos me receberam muito bem e também me trataram com muito respeito. Eu perdi a timidez, tive bem mais responsabilidade e compromisso. poderia ter sido melhor a ajuda dos outros colegas como figurantes. Minha frase: o desconhecido nos dá medo mas nos proporciona sensações inexplicáveis e inesquecíveis. (THAIS CARDOSO SILVEIRA, 16 anos)

Hoje eu me vejo com um olhar diferente, eu não vejo mais tv nem filme sem pensar como é feito. Houve muito respeito, dedicação e visão de um mundo melhor. Poderia ter havido mais apoio de alguns colegas.(LAVÍNIA DE MOURA DA FONSECA, 14 anos, 7ª série)

Eu me vi uma pessoa mais de fazer brincadeiras e de não ser muito responsável depois de passar um tempo tendo de correr para conseguir as coisas ainda troca de figurino, no banheiro do colégio, me tornei mais responsável e fiz o meu melhor me focando em ser séria, tive mais comunicação. Avaliei positivo, ter que me deixar ser

mais interessada em coisas que as vezes eu não contribui muito a se interessar eu também vejo a tv de outro modo acho que poderia ter falado as falas mais focada na seriedade, mas eu amei a experiência de atuar então para mim foi ótimo. Minha frase é: simplesmente inesquecível a sensação maravilhosa que eu estou sentindo. (ELIZIANE HERNANDEZ DA FONSECA, 15 anos)

Para mim foi muito bom ter começado o filme, mudou muito a minha convivência com os meus amigos. Foi bom pra mim ter feito o roteiro que foi a única parte que eu pude participar. (ANA CRISTINA RADMANN)

Antes do filme todo mundo estava preocupado com as gravações porque ninguém tinha feito nada igual e depois todos gostaram de gravar. Houve união nos grupos, ninguém ficou com vontade de gravar e todos se divertiram muito. (JORGE LUIS SILVEIRA DA LUZ JUNIOR, 16 ANOS, EX-ALUNO)

Eu não pude fazer o filme porque estava fazendo curso. Eu queria ter feito porque a gente fez todo o roteiro se eu pudesse voltar e fazer o filme eu faria. Fiquei muito feliz em ver minhas colegas contando entusiasmas sobre as filmagens. (KALINI RUTZ)

Nós achamos muito bom interpretar outros personagens porque cada um de nós colocou um pouco de si em cada personagem. Aprendemos a ser mais responsáveis e a nos conhecer melhor. Nos sintonizamos melhor. Os erros de gravação foram hilários. Acordar cedo e ficar de vestido de festa no meio da pracinha com um frio danado não foi fácil. Odiamos o descompromisso de algumas pessoas que se comprometeram em ajudar e não apareceram. O que nos marcou para sempre foi a união. Nossos ensaios foram momentos ótimos. A história do filme nos mostrou

o valor da amizade. Na comunidade foi difícil da gente chegar e fazer os contatos, já na escola foi mais fácil porque já eles tiveram interesse no nosso trabalho.

O trabalho foi interessante, empolgante, envolvente. Gostaríamos que nosso trabalho fosse reconhecido, o nosso esforço.

(Lavinia de Moura 14 – Eliziane Hernades da Fonseca, 15 – Jenifer de Ávila Beskow, 14 – Ana Cristina Radman, 15 – Kalini Rutz Schenid, 14 – Thais Cardoso Silveira, 16 – Jennifer de Oliveira Sell)

Eu não fazia nenhuma ideia de como se fazia um filme, de como era atuar na realidade. Agora eu tenho vontade de fazer um curso relacionado ao cinema, me interessei muito por tudo isso! Também curti a parte de edição. (Jociele Quinzen,17)

Eu fiquei muito nervosa antes das gravações pois achei que ia ser bem complicado e, para falar a verdade, achei que não ia dar certo e que ia ser muito chato, mas depois das gravações mudei de ideia porque foi muito legal e divertido. Eu adorei! Depois de fazer o filme muita coisa mudou porque não vejo mais filmes como via antes, agora eu sei como é por trás das câmeras e sei que bem complicado. Adorei atuar e principalmente gravar as cenas porque eu estava muito nervosa e daí comecei a pensar no meu futuro. (Camila Becker Cames,14)

Antes do filme eu via TV normalmente, depois que fizemos as oficinas, comecei a pensar nos detalhes de ângulo, planos, comecei a ver tudo diferente, a notar pequenos detalhes nas novelas e nos programas .a união do nosso grupo poderia ter sido maior porque a gente não conseguiu gravar. (Thalita Hermes,15)

Eu me sentiria melhor se tivesse gravado o filme. Mesmo não tendo gravado, acre-

dito que os alunos aprenderam muito com o projeto. O pouco que nosso grupo fez, nos ensinou bastante. (Caroline Martin,¹⁴)

Antes do filme, eu estava muito tímida, nunca achei que tivesse coragem de atuar, agora estou menos tímida. Aprender coisas novas fez a gente pensar bem antes de escolher uma profissão, como no roteiro do filme. Tínhamos que pensar bem como seria a história, não deixar furos no roteiro. Me surpreendi da minha desenvoltura na hora de gravar. Nunca achei que teria essa experiência e nem imaginava que o filme teria esta repercussão. (Gabriele Gonçalves,¹⁵)

Não sabia se ia dar certo, não fazia ideia de como seria, agora me sinto bem aliviada, com o filme pronto. Aprendi coisas novas. No começo parecia tri difícil, depois ficou fácil. Vale a pena participar de coisas diferentes, no começo é tenso, mas depois vale a pena. (Natalia Silveira Felch,¹⁶)

Fiquei muito nervosa antes do filme. Depois, peguei a gostar da ideia de criar a história e imaginar as gravações. Criando a historia comecei a pensar sobre o meu futuro. (Nathalia dias,¹⁴)

Depois do filme eu perdi a vergonha de me expor. O projeto me deu a possibilidade de pensar numa profissão para o meu futuro. (Bruno Eslabão)

Depois do filme peguei a ver cinema de forma diferente, isto foi bom porque me dá inclusive uma possibilidade de emprego. Foi bom ver coisas novas. (Jéssica No-guez)

Antes das filmagens, eu percebia o grupo muito tenso, sem vontade de fazer o filme, mas agora percebo o grupo contente, pois o projeto foi realizado com sucesso.

Estou avaliando como um aprendizado em nossas vidas. Espero que ano que vem a Escola possa continuar com o projeto porque é uma experiência muito boa e desejo fazer parte no próximo ano. Estou com uma sensação boa de dever cumprido, mesmo estando um pouco triste de não ter atuado, fico muito feliz com o sucesso de meus amigos. (Otavio Jacobsen,¹⁴)

Na verdade eu sempre quis fazer algo diferente mas antes eu tinha duvidas sobre várias coisas relacionadas, mas agora eu decidi o que quero fazer, me vejo mais seguro sobre seguir atuando. (Rodrigo Santos, já fazia teatro)

Hoje vejo tudo diferente do que eu via nos filmes e nos programas de TV. Hoje eu conheço coisas novas que eu não sabia. Me envolvi muito, eu nem esperava por isso. Tudo que aconteceu foi perfeito, acho que não precisava de mais nada. No começo eu tava muito nervosa, mas achei muito tri de participar. (Mariana Menna da Luz,¹⁴)

Segundo Momento - Bate Papo

Reunimos os alunos em grupo e realizamos uma entrevista em grupo para ver o que o grupo achava e as lembranças que tinham do projeto. Esse foi o ultimo dia do projeto, um dia antes da exibição. Como era uma entrevista em grupo não coloquei a fala do aluno , mas a resposta coletiva do grupo, sem identificar qual aluno falou é o chamado Discurso do sujeito coletivo ou simplesmente - DSC

O DSC descreve o pensamento das coletividades de modo qualitativo reunindo, num discurso-síntese, as respostas semelhantes emitidas por entrevistados distintos, formando então, o pensamento coletivo através de uma soma qualitativa, que agrega as diferentes opiniões no intuito de formar o discurso coletivo; mas esta

soma que é qualitativa é também quantitativa na medida em que cada DSC que expressa uma dada opinião coletiva é formado por um número determinado de depoimentos de sentido semelhante, emitidos por um determinado número de indivíduos (de 1 a N), que constitui uma fração ou um percentual dos indivíduos que compõe a amostra de indivíduos pesquisados. Realizamos o discurso social coletivo nas entrevistas realizadas com o grupo.

1 - O que vocês gostaram do trabalho.

Alunos- eu gostei de todo o trabalho na verdade, gostei de saber o que é encenar , fazer teatro, eu tinha curiosidade em saber como era, e eu aprendi aqui que tudo o que a gente aprende nunca pé perdido , neste caso acho que não foi perdido tempo, foi uma coisa mágica, de poder ver o cinema ver como é , e encenar.

2-Você acha que vai ver a TV do mesmo modo?

Alunos-não, agora vai ser totalmente diferente, antes eu ficava pensando , sabe quando da troca de câmera, ta filmando aqui, ai da no outro e eu pensava cadê a câmera que ta filmando aquele daqui? E agora a gente viu realmente como é gravada uma cena, como realmente funciona do outro lado da TV.

3- O que vocês acharam do trabalho.

Alunos- no inicio todo mundo achou que ia ser um porre, mas depois foi acontecendo e todo mundo começou a gostar.Foi difícil fazer roteiro, gravar.

4- Para vocês a gravação foi interessante?

Alunos- foi muito legal, no começo foi complicado, mas depois foi muito legal.

5 - O que vai ficar deste trabalho para vida de vocês?

Alunos- uma nova experiência de vida , onde aprendemos coisas novas dentro do colégio. Parece que até as amizades melhoraram. Tivemos dificuldade de vir de manhã pois e estudamos á tarde, e tinha que vir de manhã, aparte mais chata foi escrever roteiro , gravar, e acordar cedo. Mas mesmo tendo que acordar cedo, valeu o trabalho , valeu tudo que foi produzido. Acordar cedo foi chato, mas depois que a gente viu como tava o trabalho , compensou, ficou super massa., Valeu á pena acordar cedo e passar um pouquinho de sono.

Fica uma experiência única por estar ali , tendo comunicação com os outros, a responsabilidade, foi um amadurecimento, e ver o trabalho feito por uma câmara com a gente atuando é muito massa.

6 - Vocês acham que este trabalho teve uma relação da escola com a família?

Alunos- Sim, tivemos que envolver a comunidade, pra poder transformar o filme , transformar o projeto bom. Eu achei bem legal a parte de fazer o roteiro e escrever.

7- Vocês perceberam a importância da leitura e da escrita? Vocês acham que aprendem mais decorando textos de livros ou fazendo vídeos? porque?

Alunos- Sim, pois tem que saber escrever pra fazer o roteiro. Fazendo vídeo, porque decora é mais chato, e o texto a gente acha fácil, por exemplo, pra fazer a gravação nós tivemos que copiar do quadro e todo mundo acha chato copiar do quadro, mas como ta fazendo uma coisa divertida tu grava e se envolve mais . depois tivemos que ler em casa, conversar com os amigos sobre o tema, sei lá, parece até que a gente trabalhou mais para fazer o vídeo que para estudar. Quando tu ta estudando, ali

colocando a mão na massa, tá vendo as coisas acontecerem, você vai aprender mais , vai querer fazer mais, vai querer saber mais, vai desenvolver melhor .

A maioria das pessoas não conhece nada de teatro e cinema e nem se interessam, e depois deste projeto, um falou pro outro, e pode envolver muito mais as pessoas assim, e eu acho isso importante.

Giovana - Eu percebo que hoje vocês , tem um respeito em relação ao meu trabalho , muito maior do que tinha no começo, acho que hoje vocês acreditam mais que é possível aprender coisas novas na escola.

Aluno - Eu não gostei da parte da roupa, pois tu vai faz uma parte depois tem que correr trocar de roupa, é tudo muito rápido. Deu trabalho mas foi legal.

Aluna: eu achei legal pois gravamos primeiro as ultimas cenas e eu não sabia que era assim.

8 - O que vocês aprenderam com isso?

Aluno -tem uma coisa, que se a gente copia do quadro , eu chego me casa e nem olho mais pro caderno, e isso aí eu ficava em casa pensando , lendo o roteiro, e conversando com os amigos, isso que a gente nem conversa sobre matéria normal,

Eu gostei de fazer parte da decupagem, ver os planos que íamos usar, as câmeras, achei massa.

Eu gostei porque vou tá na rede. Rsr rsrsr

Muita gente não dava nada pela escola, e agora com este filme as pessoas vão ver, que a escola não é só aprender a estudar, vão ver que os alunos saem daqui não só

formado me língua portuguesa, matemática, mas sim sabendo outra coisa á mais, e no futuro vai ajudar muito .

Giovana - Teve alguma valorização da escola depois do trabalho.

Jéferson: Eu cheguei num dia que o professor Josias tava gravando lá na frente da escola, e o professor me convidou pra participar, eu nao estava no projeto, mas acabei entrando e eu gostei das filmagens e das coisas que foram feitas. Espero que continuei no projeto.

Aluno: foi muito bom o projeto, adorei gravar as cenas.

Aluno - Quando agente começa um trabalho agente tem um objetivo a gente nunca sabe oq eu vai dar , agora eu to 200% realizada, acho q eu vcs foram maravilhosos, e fico triste pois eu sei que não foi todos que puderam participar do projeto.

Os 4 filmes de vocês tem um conteúdo de discussão dentro de temas da vida de vocês. E foi muito legal eu ter essa confiança em vocês e vê que as coisas estavam acontecendo , vocês abordaram a questão da terceira idade, do respeito, amizade, família e relacionamento amorosos, a gravidez na adolescência, casamento, e refletimos sobre isso.

Noslen : quando a professora Giovana comentou sobre o trabalho eu fui junto imaginando como seria, e comentei com a moça do diário popular que os alunos do sitio floresta e ele tem muita capacidade de desenvolver atividades que nós nem imaginamos , eu me emocionei demais com os trabalhos de vocês, e eu assisti pouca das cenas gravadas, e vocês estão de parabéns. Eu tenho certeza que vocês conseguem desenvolver qualquer atividade.

Aluno: foi diferente e eu não queria participar, mas depois foi acontecendo e foi bom e a gente quer mais e mais agora.

9-Como foi a relação com a comunidade e escola?

Aluno - a comunidade estava bem curiosa, pois nunca tem nada de diferente aqui, e quiseram ajudar e aparecer e ajudaram bastante, as pessoas da comunidade passa pela gene teve gravando e acha que somos ator, foi bem legal, as pessoas paravam olhavam .

10- Valorização pessoal?

Aluno- foi legal, sim tanto aqui quanto fora daqui, pois fizemos algo diferente de outros alunos, é uma experiência de vida diferente, pois teremos uma dicção melhor e não ficaremos mais tão envergonhados em falar em publico.

Roteiros

Aqui iremos apresentar o roteiro realizado pelos alunos, por razão de estética do roteiro vou usar a fonte padrão para roteiro. Aqui faço uma ressalva, os roteiros não são obras de literatura, são ferramentas utilizadas na gravação de uma obra audiovisual, e muita coisa muda durante os ensaios. Aqui o interessante é ver como alguns roteiros foram mudados até a sua versão final.

Normalmente em um roteiro temos uma ação descrita e o diálogo. os nomes são repetidos para o ator não ficar na duvida se aquela parte é dele ou não, por isso que não usamos muito ele, ela e sim repetimos o nome do personagem.

O DILEMA

Cena 01 - Casa de Priscila - Dia/ Ext

Na sala YASMIM, Francine, Brenda, Júlia, ALINE, ESTER e PRISCILA tentam fazer o trabalho. PRISCILA e YASMIM estão conversando.

PRISCILA - Estou tão feliz!

YASMIM- Por quê?

PRISCILA - Estou completando um mês de namoro.

YASMIM - Você ta namorando. Com quem?

PRISCILA - To, namorando com o DEIVID .

YASMIM - DEIVID ?

PRISCILA - Não mora aqui.

YASMIM - Hum, sorte ai amiga.

PRISCILA - Valeu, e você ta ficando?

YASMIM - To, mas também não mora aqui.

PRISCILA - sorte pra ti. Terminamos o trabalho?

ESTER- Não! Eu terminei.

JÚLIA- Por isso, que eu te amo.

PRISCILA - Ta vaza, vaza que eu tenho que me arrumar, pois hoje comemoro um mês de namoro.

Cena 02 - Rua casa Priscila Ext/Dia
--

Amigas estão voltando para casa, YASMIM segue sozinha para outro lado e encontra DEIVID.

YASMIM - Oi

DEIVID - Oi

YASMIM - Tem uma amiga minha, que hoje está comemorando um mês de namoro, e a gente está ficando há duas semanas e você nem tocou no assunto.

DEIVID - Como tem gente apressada.

YASMIM - E como tem gente indecisa nesse mundo.

DEIVID -- é verdade.

Eles caminham em silêncio.

DEIVID - Bom, não vou te levar em casa por que seu pai é bravo, e você já sabe que para chegar na sua casa é só seguir reto.

Eles se despedem. Ela desce a rua e ele sai correndo.

Cena 3 - Casa de Priscila - Ext/Dia
--

Ele vai encontrar PRISCILA. Ele recupera o fôlego, e toca a campainha.

DEIVID - Oi!

PRISCILA - cadê a flor.

DEIVID - como assim?

PRISCILA - e o chocolate?

DEIVID - hãh?

PRISCILA - eu não acredito que você esqueceu que hoje comemoramos um mês de namoro.

Ela bate a porta. Ele corre para a venda e compra um bombom e volta para a casa de PRISCILA. Toca a campainha, PRISCILA abre a porta, ele entrega o bombom, ela guarda e os dois saem andando.

Cena 4 - Rua - Ext/dia

YASMIM está levando seu IRMÃO para a escola e recebe um torpedo de DEIVID que diz: estou aqui na esquina te esperando, ela fala para o IRMÃO:

YASMIM - olha só, agora é só você ir reto.

YASMIM sai correndo para outro lado e o garotinho fica olhando para os lados sem entender. O casal caminhando encontra Júlia, que sorri para a amiga.

Cena 5 - Escola - Ext/dia

Meninas se encontram na frente da escola, e olham o cartaz de paralisação.

Brenda - vamos dar uma volta galera?

ALINE - Andar onde essa hora?

FRANCINE- vamos a praça tomar chimarrão.

ESTER- cadê a YASMIM?

JÚLIA- poxa, ela está sempre atrasada, vamos indo.

YASMIM chega correndo.

PRISCILA - onde você estava?

YASMIM - não importa!

JÚLIA- desgruda a ferradura.

Amigas - ta namorando, ta namorando!

PRISCILA - pelo que eu sei, a única que está namorando aqui sou eu.

Amigas cantando - ela se acha a última coca-cola do deserto.

Elas saem caminhando e rindo.

Cena 06 - Rua - Ext/dia

YASMIM vai buscar o IRMÃO na escola.

YASMIM - como foi à aula?

IRMÃO - eu não fui!

YASMIM - como assim não foi?

IRMÃO - eu fiquei esperando você.

YASMIM - ta, mas não vai contar pra mãe.

Quando YASMIM está saindo da escola com seu IRMÃO, encontra DEI-VID e neste momento PRISCILA liga para DEIVID .

DEIVID - olha, nosso assunto fica para depois.

PRISCILA - que assunto?

DEIVID - aquele assunto.

PRISCILA - ata!

Cena 8 - Casa de Deivid Int/Dia

MÃE- o que houve filho, que você ta triste?

DEIVID - É que tipo estou ficando com duas meninas e preciso escolher.

PAI - Joga uma moeda pra cima, eu fiz e deu certo.

MÃE- Ah, bom saber.

PRIMO - A que sobrar, arruma pra mim.

DEIVID - vocês não ajudaram em nada!

Cena 9 - Campo de Futebol - Ext/Dia

As meninas e DEIVID vão para o torneio de futebol na escola.

Meninas estão torcendo.

YASMIM - Gurias este é meu namorado DEIVID .

DEIVID - Oi

Meninas - dizem oi também.

Cena 11 - SALA DE AULA - EXT/DIA

JÚLIA decide conversar com as meninas, sobre o namoro de suas amigas.

JÚLIA- vocês não vão acreditar no que eu vi.

FRANCINE- conta logo, o que você viu?

JÚLIA- o namorado da YASMIM é o mesmo da PRISCILA!

FRANCINE - Bem feito

MENINAS - Ficam apavoradas.

JÚLIA- E aí o que a gente vai fazer?

BRENDA - elas não vão acreditar se a gente contar.

ALINE - vamos fazer com que eles três se encontrem.

FRANCINE- vamos sair para conversar e levar elas até o campo onde ele ta jogando bola.

Cena 12 - Campo Futebol Ext/Dia .
--

YASMIM - Oi amor.

PRISCILA - Sem essa de amor, ele é meu namorado.

YASMIM - Que seu namorado, ele é meu namorado.

PRISCILA - Que história é essa?

DEIVID - Eu posso explicar!

Meninas vão embora para casa menos Francine.

FRANCINE- você quer ajuda?

DEIVID - aham!

Componentes: Camila, Fernanda, Waline, Jocielle, Gabriele, Nathalia Dias, Jéssica.

Série: 8^a

REGINA QUER CASAR

CENA 1- BIBLIOTECA - INT/DIA

Fade in

Regina sentada na biblioteca vendo revista de noiva

MARIANA: Regina?

REGINA: Oi...

DANIEL: Oi Regina tudo bom?

REGINA: Oi.... , senta ai gente.

MARIANA: E ai que bom que você ta por aqui. Porque não foi pra aula hoje?

REGINA: ah a professora faltou e não tinha ninguém pra substituir , e tu porque não tem ido a aula?

MARIANA; bom é que eu estava trabalhando e tenho que ajudar em casa , mas a gente ta muito feliz, conta pra ela amor.

DANIEL: Então Regina a gente ta pensando em casar o ano que vem. Assim que ela completar 18 anos, e nós queríamos que você fosse a madrinha.Você aceita?

REGINA: claro, vou adorar. Ai amiga que sonho , tu entrando de véu e grinalda na igreja dizendo sim, eu aceito. Ai amiga muito obrigada pelo convite eu vou adorar ser madrinha de vocês.

Cena 2- Sala de Aula - Int/Dia

Alunos bagunçando em sala de aula. Regina esta sentada perto de Mariana.

REGINA: Mariana eu não aguento mais estas aulas de Física, nunca vou usar isso pra nada mesmo.

MARIANA : Hum?

REGINA: Mariana? Posso saber o que ta acontecendo?

Soa a sirene para o termino da aula. Alunos saem da sala de aula.

Alunos: tchau professora!

Cena 3 - Pátio da escola- Ext/DIA

Alunos no pátio da escola conversando, Mariana e Regina passam por eles. Elas param em um canto da escola.

REGINA: Bah, e aí tu vai me contar ou não?

MARIANA: Regina eu to precisando da tua ajuda.

As duas sentam no chão.

REGINA: diga

MARIANA: minha menstruação ta atrasada. Preciso que tu vai comigo na farmácia.

REGINA: Claro, teu ciclo não é certo, quem sabe tem uma falha nele né. Mas vai lá, me explica o que esta acontecendo.

MARIANA : bom eu acho que o Daniel esta me traindo . Tem sempre uma ligação de uma tal de Andressa, que ele liga todos os dias, ou ela liga pra ele. E ontem ele teve a cara de pau de mandar eu sair pra ele atender o celular.

REGINA: Poxa. Bem vamos pro postinho , pois estes testes de laboratório não são muito confiáveis. E ninguém vai ficar sabendo.

MARIANA: Obrigada minha fada madrinha.

Cena 4- Posto de Saúde - Int/Dia

Mariana sentada em uma cadeira e Regina de pé, mexendo no cabelo de Mariana.

Uma enfermeira chama Regina .

ENFERMEIRA: Você que esta acompanhando a Mariana?

REGINA: Sim

ENFERMEIRA: aqui esta o resultado do teste dela , eu não entreguei pra ela , porque ela ta muito nervosa.

Regina lê o teste que Mariana fez. Regina se aproxima de Mariana que continua sentada na cadeira.

REGINA: Mariana , teu exame a enfermeira acabou de me entregar

MARIANA : deu positivo né?

REGINA: é deu, você ta grávida.

Mariana abaixa a cabeça e chora.

Cena 5- Posto de Saúde - Ext/Dia

Regina e Mariana saem do posto de saúde , e vão conversando e caminhando.

MARIANA : E agora Regina? O que eu vou fazer? Minha família não vai aceitar. Ainda tem o Daniel, vai dizer que a culpa é minha e vai querer terminar tudo.

REGINA: Calma Mariana , não adianta ficar sofrendo por antecipação. Mas pode contar comigo, eu vou sempre te ajudar em tudo, vou ficar do seu lado, e fica calma , vai dar tudo certo

MARIANA: Nossa , eu tenho que ir pra casa, já tinha até me esquecido, tenho que ajudar o Daniel com as compras.

REGINA: Vem comigo eu conheço um atalho.

Cena 6- Rua- Ext/Dia

Regina e Mariana andam pela rua conversando.

MARIANA : olha lá Regina , não é o Daniel?

REGINA: é , e parece que ele ainda não fez as compras.

Cena 7- Mercado.- Ext/Dia

Daniel chegando no mercado de bicicleta. Deixa a bicicleta encostada do lado de fora e abraça Andressa que sai da porta do mercado. Os dois conversam. Andressa passa uma caixa de aliança para Daniel e Mariana chega no local.

MARIANA: Daniel que esta acontecendo aqui?

DANIEL: Calma Mariana, calma.

MARIANA : Calma o que? Essa é a tal Andressa que fica te ligando todos os dias?

DANIEL: como você sabe disso?

ANDRESSA: calma Mariana deixa ele falar.

MARIANA : Falar o que? Quem tem que falar aqui sou eu.Eu to grávida.

ANDRESSA:Daniel é melhor eu ir pra lá, depois a gente se vê, eu não quero me meter em encrenca.

Andressa sai.

MARIANA: como tu pode fazer isso comigo?

DANIEL: mariana deixa eu te explicar.

MARIANA : não!

Mariana sai.

Cena 8- Biblioteca.- Int/Dia

Mariana sentada no sofá da biblioteca, com um rosto triste, Daniel chega ,olha pra ela e se aproxima para conversar. Ele toca

a mão de Mariana. E fica de joelho na frente de Mariana.

DANIEL: Sabe aquilo que tu viu ontem?

MARIANA: sei.

DANIEL: Eu pedi pra Andressa comprar nossas alianças. Já que o pai dela sempre vai ao Chuy fazer compras. Eu queria que fosse de ouro , mas a grana estava curta, só deu pra comprar esta aliança aqui.

Daniel coloca a aliança no dedo de Mariana que sorri. E chora de emoção.

Cena de Daniel abrindo a caixa da aliança. Olhar de Daniel.

Daniel colocando aliança na mão de Mariana, e ela colocando aliança na mão de Daniel

Cena 9- Regina.- Int/Dia

Close de Regina se aproximando da câmera bem devagar. Sobe o áudio

REGINA: As vezes somos obcecados pelos nossos sonhos e pelo o que esperamos do futuro, e esquecemos que há um grande caminho a ser percorrido .Sonhar é necessário, mas temos que parar e prestar atenção no que esta logo ali e bolar maneiras de como vencer os obstáculos da vida.

Cena 10- Formatura- Int/Dia

Regina e amiga com certificado na mão e posando pra fotografia de formatura.

REGINA: aceitar estes desafios e usá-los como gás,para seguir adiante , é um dos maiores mistérios da vida , mais uma etapa vencida. Agora to indo lá, porque a universidade me espera.

Fade Out

O VELHO CRAQUE

Cena 1- Campo de Futebol - Ext/Dia

Fade In

Meninos jogando bola, do lado de fora do campo meninas assistindo o jogo e comentando

MENINO 1- Hi olha quem chegou ai

MENINO 2: Tinha que parecer esta porcaria ai

MENINO 3: Bah, quem foi que convidou o Nerd

MENINO 4: Pô, é só pra completar o time.

Continuam a jogar

MENINO 5 : foi falta ai

MENINO 6: Foi falta , então ta. Quem vai bater é o Frederico(-Nerd).

GOLEIRO: tira a barreira um pouco pra traz

FREDERICO: puxa bah

MENINO 5 : Pô cara

MENINO 1 : quem é que convidou Nerd, olha ai o que ele fez, chutou a bola la na casa do veio, e o veio não devolve mais a bola.

MENINO 2: empurra o nerd.

MENINO 5 : Tu vai buscar a bola.

NERD: Não vou o velho é louco.

MENINO 1: Tu vai buscar cara , eu quero a minha bola de volta.

NERD: Não vou buscar o velho é louco

MENINO 6:: Calma se ele aparecer eu te ajudo

Menino 6 e Nerd saem de bicicleta

Cena 2- Portão da casa do velho - Ext/Dia
--

Meninos chegam de bicicleta até a casa do Velho, deixam a bicicleta no portão e pulam o muro

NERD: Bah, não achei a bola

MENINO 6: Vê dentro da casa

O velho aparece no portão

VELHO:Que tu quer na minha casa tchê?

MENINO 6 : é que estragou minha bicicleta

VELHO: e o que houve com a bicicleta

MENINO 6: acabou freio, o senhor poderia me ajudar?

VELHO: Tu joga futebol?

MENINO 6: Jogo.Qual seu nome?

VELHO: Meu nome é Guido.

MENINO 6: o senhor já jogou em algum time conhecido?

VELHO: joguei sim. Eu joguei no Brasil de Pelotas, no Botafogo do Rio, e no Farroupilha. Quer entrar , pra tomar um refri?

MENINO 6: Não vai dar não, minha mãe já me chamou e já esta muito tarde.

VELHO: ah mas não vai perder muito tempo não.

MENINO 6: é acho que um pouquinho da pra ficar.

VELHO: então vamos entrar. O teu amigo já tá lá dentro. Vamos lá.

Cena 3- Sala da Casa do Velho - Int/Dia
--

Sala com sofá .

VELHO: Vamos entra, a esta hora cai muito bem um refri. Eu já tinha te visto sem vergonha de uma figa, mas agora já que tá na minha casa tu vai entrar aqui e tomar um refri, já esqueci tudo, pode sentar aí.

Velho sai da sala.

NERD: Bhá , tchê, eu achei que o velho era louco.

MENINO 6: eu também, eu pensei que ele tinha te pegado aqui dentro.

NERD: mas as histórias que o pessoal contava, meu deus falavam que ele era louco, que pegava as criancinhas, mas eu acho que isso era mentira.

MENINO 6: é claro que era, tudo mentira.

NERD: porque se não ele teria me xingado.

MENINO 6: ele nem xingou

NERD: tá certo que ele me chamou de sem vergonha né , mas tudo bem

MENINO 6: acho que ele já vem .

Velho volta para sala com 2 copos de refri.

VELHO: tá aí o refri.

NERD: obrigado

MENINO 6: obrigado

VELHO: olha eu vou mostrar pra vocês , aí os troféus que eu gachei quando jogava futebol Este aqui foi um dos troféus que eu me destaquei num jogo né, como meia cancha né, e tenho algumas camisas que me sobraram. Esta aqui foi quando eu tive uma ponta na seleção brasileira, e eu joguei contra a União Soviética, e aí eu troquei com os jogadores, esta é muito significativa pra mim, mas eu tenho outras também. Eu tenho esta aqui que pé do Farroupilha , que eu joguei no final de carreira, eu jogava com a 10 , Farroupilha, do botafogo eu não tenho

Meninos ficam vendo as camisas.

VELHO: Bom eu tenho um presente pra dar pra vocês, é porque eu não aproveito mais, então vocês vão usar muito mais do que eu , e agora na minha idade não dá mais , e vocês vão aproveitar muito mais do que eu ,pois na minha idade .

Velho dá uma bola para os meninos.

NERD: Bhá, mas

Nerd joga bola para Menino 6

Cena 4 - Porta da Sala da Casa do Velho - Int/Dia
--

Meninos se despedem do velho.

MENINO 6: seu Guido nós temos que ir temos que treinar o nosso futebol

VELHO: Voltem sempre.

NERD: foi muito bom conhecer o senhor , nós podemos vir mais vezes?

VELHO: claro que sim, e eu posso assistir os jogos de vocês?

NERD: claro

VELHO: então tá muito obrigado.

Cena 4 - Portão da Casa do Velho - Int/Dia

Meninos batem bola com o Velho

Velho abre o portão

NERD: Tchau seu Guido.

VELHO: tchau, tchau.

Meninos saem e o Velho fecha o portão.

Fade Out

Equipe

Roteiro e direção:

Gerson Krumreich

Natael Peter

Luis Carlos Lopes

Gustavo Marasca

Figurantes:

Bruno Eslabão

Tanaka

Participação especial

Prof. Luis Carlos Gutierrez

Agradecimentos:

Ivo Noremberg

Elisiana Hernandez

EMEF Independência-Diretora: Iara Nickel

Coordenação pedagógica: NoslenUart Oliveira

Turma 8 ° serie; Prof: Giovana Janhke

Música

Dr. Frankenstein- CatsEyes

Pelotas -2011

Debutantes

Cena 1- Parquinho- Ext/Dia

Fade In

Mães sentadas em um banco conversando. Meninas sentadas na grama conversando e brincando de bonecas.

MENINA 1 (DANIELA): Você que faz a sua boneca?

MENINA2(RAFA): Fazemos porque?

MENINA 1: eu acho bonita.

MENINA 3 (GABI):eu quero ter a idade da minha irmã

MENINA 4 (PAULA): porque qual é a idade da sua irmã?

MENINA 3: minha irmã é grande e bonita e tem 15 anos.

MENINA 4: ai 15 anos, ai 15 anos.

Meninas brincam sentadas na grama

MENINA 2:vamos ser amigas pra sempre?

MENINA 1: sim vamos

MENINA 3: vamos fazer nossa festa de aniversário juntas

MENINA 4: vamos sim fazer a nossa festa de 15 anos juntas.

MENINA 2 : vamos colocar nossas coisas em uma sacola e enterrar?

MENINA3: vou fazer um desenho de boas maneiras

MENINA 4: pra eles lembrarem no futuro.

MENINA 1:vamos colocar nossas coisas aqui nesta sacola todas juntas.

MENINA 2: sim

MENINA 3: sim

MENINA 4: sim

Meninas guardam objetos em uma sacola plástica

Cena 2 - Colégio - Ext/Dia

Menina 1 , entra no colégio .

Cenas de meninas e meninos chegando no colégio, garotos conversando.

Cena 3- Campo de Futebol da Escola- Ext/Dia

Meninas jogando bola. Menina 1 passa na frente do jogo de futebol.

Cena 4 - Sala de Aula -Int/Dia

Menina 1 entra na sala , esta sozinha , abre o caderno e fica sentada olhando o caderno

Outros alunos da sala chegam.

MENINA 2: O meninas vocês viram aquele.....

MENINA 3: eu vi, eu devo ter tirado um zero também

MENINA 4: ah tava difícil....

MENINA 1 o que eu vi foi melhor né

MENINA 2: ai meu deus

MENINA 1 eu vi o Marquinhos

MENINA 3: eu vi o namorado da rafa

MENINA2 (Rafa): meu não

MENINA 4 o que já terminou? Tão rápido assim?

MENINA 3: Mas agora não falta mais ninguém pra tu pegar no colégio

MENINA 1: pelo visto só falta o professor

MENINA 2: Ah tá olha quem fala. Eu vi tu ficando com um guri.

MENINA 4: não é verdade

MENINA 3: é verdade, olha a cara dela..rsrsrr...hi olha a professora,

Meninas abrem o caderno e começam a estudar.

Cena 5 – Parquinho -Ext/Dia

Meninas saem do colégio e vão para o parquinho. Sentam em um banco e começam uma conversa.

MENINA 1: olha aquelas crianças brincando lembram a gente quando éramos pequenas.

MENINA 4: vocês lembram?

MENINA 2: Bhá, era um tempo muito bom.

MENINA 4: era tudo mais simples

MENINA 1: é verdade

MENINA 3: sem nenhuma preocupação ou dever

MENINA 1: sem colégio

MENINA 4: será que nossas mães lembram?

MENINA 3: nossa como as pessoas mudam, eu não quero ser igual a minha mãe, ela é velha enrugada e reclama o tempo inteiro.

MENINA 2: não fala isso de sua mãe garota. Se ela é assim é por sua culpa.

MENINA 1: gente lembrei de uma coisa que aconteceu aqui na pra-
cinha.

MENINA 2: ai você disse que não ia contar pra ninguém.

MENINA 4: o que aconteceu Rafa?

MENINA 3: agora eu quero saber tudo.

MENINA 2: Nada, nada.

MENINA 1: Não é nada disso que você tá Pensando Rafa , é sobre algumas coisas que a gente enterrou aqui na pracinha, não lembro bem mas acho que era porque nós iríamos fazer 15 anos juntas. Lembram?

MENINA 2: é verdade gente , a gente poderia fazer os 15 anos juntas né.

MENINA 4: seria legal.

MENINA 1: então combinado, a gente vai fazer a nossa festa de 15 anos

MENINA 4: mas Rafa me conta uma coisa, que tinha acontecido aqui mesmo?

MENINA 3: me conta eu tô super curiosa

MENINA 2: nada , num aconteceu nada, vê se me esquecem.

Menina 2 levanta e sai de cena.

MENINA 3: Que aconteceu? Me conta vai?

MENINA 1: não sei de nada.

MENINA 4: elas vão nos deixar curiosas agora.

Cena 6 - Quarto - Int/Dia

Meninas procurando vestido pra festa de 15 anos na Internet.

MENINA 4: olha aquele vestido que bonito

MENINA 1:lindo. Mas desde quando você tem dinheiro pra comprar ele. Olha o preço e muito caro.

MENINA 4: ah não sei.

MENINA 1: você seria capaz de roubar pra ter ele?

MENINA 4: se você me ajudasse.

MENINA 1: Paula , vamos continuar nosso trabalho

Cena 6 -Casa-Sala - Menina 3 -Int/Dia

Menina 3 sentada no sofá falando ao telefone, com lista telefônica na mão.

MENINA 3:alô é do salão Gonzaga?

Salão Gonzaga:

MENINA 3:Não, eu queria saber quanto é que seria a diária.

Salão Gonzaga

MENINA 3: Sim,

Salão Gonzaga

MENINA 3: imagina eu achei razoável. Muito razoável. Obrigada. Tchau.

MENINA 3:Razoavelmente caro.

Menina 3 procura por outro salão de beleza na lista telefônica.

MENINA 3: tem que ser hoje, ah, achei, esse aqui.

Menina 3 disca no telefone o numero do outro salão de beleza.

MENINA 3:alô, é do salão?

Ela ouve

MENINA 3: eu gostaria de saber quanto seria a diária, para daqui a um mês mais ou menos.

Ela fica ouvindo

Menina 3: ahã, não , eu gostaria de agendar meu nome é Gabriela Nunes.

Ela fica ouvindo

MENINA 3:isso,

Ela fica ouvindo

MENINA 3: ai ta, então ta feito.

Salão.

MENINA 3: muito obrigada, qualquer coisa eu passo ai eu tenho o endereço e tudo ,. Tchau.

MENINA 3: consegui, o salão.

Cena 7 - casa-sala- Int/Dia

Menina 1 e menina 2, saem do quarto e vem para a sala onde estava a menina 3 .

MENINA 1: Os vestidos estão o olho da cara né

MENINA 4: Eu não sei o que u vou fazer.

MENINA 1: Todos os enfeites já estão alugados

MENINA 4: Tudo, mesa, toalha, guardanapo, copo , talher,

MENINA 3: Respira Paulinha

MENINA 1: Eu já disse quando ela começa ela não para mais.

MENINA 4: Ta parei , conseguiu o salão?

MENINA 3: Consegui. É aqui no bairro mesmo.

MENINA 1: Que legal.

MENINA 4: É mais fácil.

Cena 8 -casa -sala - Int/Dia

Menina 2 entra na porta da casa onde estavam as demais meninas.

MENINA 2: Oi gente

MENINA 3: o que foi?

MENINA 1: que cara é essa?

MENINA 2: lembra do bolo?

MENINA 1: claro

MENINA 3: sim

MENINA 4: sim

MENINA 2: eu fui em um monte de padaria e nada, ta muito caro.

MENINA 4: sem o bolo ta tudo perdido, e agora que desastre.

MENINA 3: calma

MENINA 2: eu tive uma idéia, eu faço o bolo, claro , não vai ficar tão bonito , mas quebra o galho. Vocês me ajudam?

MENINA 1: claro.

MENINA 4: acho que dá.

MENINA 3: é acho que dá.

MENINA 2: oh...

MENINA 3: o que foi?

MENINA 2: alerta mãe, tenho que ir, minha mãe ta chamando.

MENINA 4: a gente vai contigo, então

MENINA 2: beleza, vamos indo. Tchau Gabi

MENINA 3: depois a gente vê o resto das coisas então.

MENINA 3: e tu faz um bolo bem bonito, tchau

Cena 9 -Casa Menina 3 - Int/Dia
--

Menina 1, 3 e 4 juntas na sala, sentadas no sofá conversando.

MENINA 3: o que seria melhor o lilás o rosa, qual?

MENINA 4: Lilas

MENINA 1: Lilás é mais discreto

MENINA 3:mas a surpresa da festa vai ser ...

MENINA 1o Marquinhos

MENINA 4: a Rafa vai ficar boba

MENINA 3: falta a Rafa né

MENINA 4: é ela não chegou ainda

MENINA 1: olha a hora que já é ,

MENINA 4: ela não chegou , e como é que a gente vai fazer a s coisas?

Celular da menina 3 toca

MENINA 3; falando nela

Menina 3 atende o celular.

MENINA 3: alô amiga porque é que tu não veio ainda?

MENINA 1; o que houve?

MENINA 3: o que aconteceu

Cena 10 - Casa - Int/Dia

Menina 2 , chorando e conversando no celular com menina 1.

MENINA 2: é que teve um probleminha e eu não vou poder mais ir ai hoje.

MENINA 2: é que minha avó morreu esta manhã e não vai dar pra ..

Cena 11 - Casa - Int/Dia

Menina 1 e 2 no sofá e menina 3 andando e conversando no celular.

MENINA 3: eu sinto muito, eu vou botar no viva voz a s gurias querem falar contigo.

MENINA 1: oi Rafa

MENINA 4: oi Rafa que aconteceu?

Cena 12 -Casa - Int/Dia

MENINA 2 sentada no sofá chorando e falando ao celular.

MENINA 2: é que minha avó faleceu esta manhã

Cena 13 - Sala Menina 3 - Int/Dia
--

Menina 1 e 2 no sofá e menina 3 vai até o sofá com o celular no viva voz.

MENINA 4:ah , meus pêsames.A gente sente muito.

Celular viva voz reclama

MENINA 4: claro que entendemos

MENINA 3: não te preocupa

MENINA 1: a gente vai cuidar de tudo ta bom.

MENINA 4: deixa tudo com a gente.

Cena 14 - Casa -sala - Menina 2 -Int/Dia

Menina 2 sentada no sofá chorando e falando ao celular.

MENINA 2: ta beijo.

Menina desliga o celular e chora.

Cena 15 - Sala de Aula - Int/Dia

As 4 meninas sentadas perto uma da outra na escola, fazendo prova e pedindo cola uma pra outra.

Menina 2 colando de um papelzinho.

MENINA 3: ah já vou entregar minha prova to nem ai vou tirar um zero mesmo.

Menina 2 entrega a prova

Menina 4 entrega a prova

Menina 1 entrega a prova

Elas saem da sala.

Cena 16 - Cozinha - Casa menina 2 - Int/Dia
--

Utensílios em cima da mesa da cozinha.

Menina 1 e 2 mexendo a bacia com massa de bolo.

Cena 17 - Casa - Quarto Menina 3 - Int/Dia

Menina 3 acordando e levantando da cama.

MENINA 3: é hoje!

Menina 3 levanta e vai até o espelho pentear seu cabelo

MENINA 3: ai não aguento mais essa juba, ai eu tenho que ficar bonita , hoje é os meus 15 anos

CENA 18 - Casa - Quarto menina 4 - Int/Dia

Despertador toca e a menina 4 acorda e fica na cama.

MENINA 4: ai eu não acredito que eu peguei....atchim....gripe!

Menina 4 deita novamente na cama.

Cena 19 -Casa- Quarto Menina 3 - Int/Dia

Menina 1 chegando em casa, joga mochila no chão e vai até o quarto, procura pelo sapato no guarda roupa e embaixo da cama.

MENINA 1: mãe cadê meu sapato?

MÃE: coloquei pra lavar filha, tem o chinelo pra você colocar . (somente o áudio)

MENINA 1: imagina de vestido maquiada e de chinelo, ai meu Deus eu não acredito.

MENINA 1: ah eu vou ver se tem algum sapato seco se não eu arrumo algum emprestado.

Cena 20 - Casa- Quarto Menina 2 -Int/Dia

Menina entrando no quarto. Mãe em cima de um banquinho, pintando em cima da janela

MENINA 2: Mãe? O que vctá fazendo?

MÃE 2: Ai calma minha filha eu tava pintando a sala , sobrou um pouco de tinta , e tu disse que queria teu quarto mais bonito , e eu vim pintar.

MENINA 2: mãe porque tu não me ouviu né, eu falei pintar a a casa hoje não né.

MÃE 2: Calma minha filha me ajude aqui a descer.

Menina 2 ajuda a mãe 2 a descer do banquinho e mãe coloca o pincel de tinta em cima do vestido da menina 2 que esta em cima da cama.

MENINA 2: ai meu vestido e agora o que é que ue vou usar? Ai mãe....

MÃE 2: calma minha filha , calma , eu tenho o vestido perfeito pra ti.

MENINA 2: hã?

MÃE 2: vamos lá

Mãe 2 e menina 2 saem do quarto

Cena 21 - Salão de Festa - Int/Dia

Menina 1 2 e 3 estão no salão da festa de 15 anos , conversando .

MENINA 1: Cadê a Paula?

MENINA 2: Ela não chega

MENINA 1: Que demora, ela não chega

MENINA 3: Pêra ai, só um minuto. Tu veio de chinelo pra uma festa de 15 anos?

MENINA 2: há, há, de chinelo

MENINA 1: eu não tive tempo de comprar e a bendita da minha mãe lavou todos os meus sapatos, mas linda mesmo ta a Rafa com este vestido

MENINA 2: maneira na zuação ta, é da minha mãe , ela manchou todo

meu vestido, ficou todo, mas todo manchado de tinta .Mas tu ta linda de chinelo, ta querida maravilhosa.

MENINA 1: teu vestido ta perfeito

MENINA 3: eu vou dar uma olhadinha no bolo que vocês fizeram .Deve ta uma delicia.

Cena 22 - Salão de Festa - Int/Dia

Meninas 1,2 e 3 vão até a mesa do bolo .

MENINA 3: é até que o bolo ficou bonitinho.

MENINA 1: eu gostei da decoração, ficou bem lindo.

MENINA 3: é e a Paulinha não ta aqui pra ver isso

MENINA 2: é que demora dela.

MENINA 1: porque ela não chega logo.

Cena 23 - Salão de Festa -Int/Dia
--

Menina 4 chega na festa.

MENINA 4:oi gente

MENINA 1: oi Paula

MENINA 2: até que enfim né

MENINA 3: olha a hora

MENINA 2: que aconteceu ?

MENINA 3: você ta bem?

MENINA 4:ATCHIMMMMMMM

Menina 4 espirra e menina 3 cai com a cara no bolo.

Menina 1, 2 e 4 colocam a mão na boca e fazem cara de assusta-

das.

MENINA 3: Ah !Daniela!!!

MENINA 1; pra começar a culpa não foi minha , foi da Paulinha que espirrou em mim. Eu não quero mais ficar aqui , eu não quero ficar gripada que nojo.

MENINA 3: Então é você que eu tenho que matar né Paulinha?

MENINA 4:eu não tenho culpa de estar doente

MENINA 2: Antes de você matara a Paulinha eu mato você e a Dani, uma estragou o meu vestido e a outra o bolo, demorei um tempão pra fazer aquele bolo,

MENINA 3: vocês sempre estragam tudo

MENINA 2: como é que é garota, olha aqui eu vou te dar um soco , não te aguento mais

MENINA 3: ai que medo

MENINA 4:Para de encher o saco da Rafa

MENINA 3: a não enche você também

MENINA 4: ah agora você me ofendeu.

MENINA 1: parem de brigar!!

MENINA 4:MENINA 2: MENINA 3: cala a boca Dani!!!

MENINA 1: pra começar eu vim de chinelo aqui , ajudei a fazer a porcaria do bolo e vocês ai me dando pataço.

MENINA 4: você esta de chinelo e o bolo esta destruído.

MENINA 1: e eu também posso estar com uma possível gripe

MENINA 3: mas não ta com a cara cheia de bolo.

MENINA 2: e nem ta com um rasgo revelador no seu vestido

MENINA 4: estamos todas super desconfortáveis:

MENINA 1:por enquanto

MENINA 3: ah mas tu não ta como a gente

MENINA 2: para de ser irritante garota

MENINA 3: que irritante ?

Menina 2, 3 e 4 começam a discutir

MENINA 1: ainda bem que eu não sou como vocês

Menina 2, 3 e 4 : O QUE?

MENINA 1:brigando por besteiras, dando mais importância a uma festinha do que a nossa amizade, e nem parecem ser aquelas crianças que diziam que nunca iam brigar . O que é mais importante uma festa ou a nossa amizade?

MENINA 4:Desculpe meninas, eu não soube demonstrar que a nossa amizade era amizade importante

MENINA 2: é me desculpe meninas, e Gabi eu não vou mais te da um soco , só uns tapinhas de vês em quando ta? rrsrr

MENINA 3:eu só queria que tudo fosse perfeito.

MENINA 2: Gente ta tudo certo, nós estamos juntas , e é isso que importa

Meninas se abraçam.

MENINA 4:nos deixaram presentes.

MENINA 3:só um minuto o azul é meu

MENINA 1:o cinza é meu

MENINA 2: O rosa é meu.

MENINA 4: eu adoro vocês

MENINA 3:vem cá , vamos dar um abraço.

MENINA 2: gente isso não parece uma festa né .Ta uma droga.

MENINA 3: coloca música

Meninas ficam dançando no salão de festas perto da mesa do bolo.

MENINA 1:eu to mais desconfortável que vocês né, confessem.

Meninas ficam dançando no salão de festas perto da mesa do bolo.

Menina 3 começa a tacar bolo em todas as outras meninas.

Elas tiram fotos.

MENINA 4:meninas vocês lembram que nós combinamos esta festa de 15 anos , lá na pracinha e que nós enterrados umas coisas lá,

MENINA 2: é verdade

MENINA 1:se não fosse aquele dia nem teria festa

MENINA 2: será que ainda esta lá?

MENINA 3: a gente nunca desenterrou na verdade.Não tem mais festa , ta tudo vazio aqui , não tem mais o que fazer.

MENINA 1:já sei a gente podia ir até lá e desenterrar

MENINA 3: quem te deu essa idéia?

MENINA 2: nossa que idéia.....

MENINA 4:então vamos, e topo ir até lá.

MENINA 3: vamos logo

MENINA 2: vamos lá

Cena 24 – Parquinho – Ext/ Dia

Meninas vão até o parquinho no local onde enterraram seus pertences.

Procuram o local onde poderia estar enterrado.

MENINA 1: AHHHHHHHHHHHHHHH!!!!!!!!!!

MENINA 3: Que aconteceu Dani?

MENINA 1: Nada gente era só um sapo morto.

MENINA 4: Pêra aí gente isso tá me parecendo familiar.

MENINA 2: é mesmo , não foi aqui que a gente enterrou nossas coisas?

MENINA 3: vamos procurar então .

MENINA 4: isso vamos.

MENINA 2: sim vamos.

Meninas se ajoelham e começam a cavar o chão pra encontrar seus pertences.

MENINA 3: olha!!!!

MENINA 1: nossa!!!

MENINA 2: que legal!!!!

MENINA 1: to emocionada!!!

MENINA 1: minha boneca

MENINA 4: : meu lencinho

MENINA 2 meu ursinho, procurei tanto por você

MENINA 3: meu anel!! não cabe mais

As meninas juntam as mãos e colocam uma mão em cima da outra e dizem;

AMIGAS PARA SEMPRE.

Fade Out

FIM

Bolsistas do Projeto

Alunos da Universidade Federal de Pelotas

Bruna Facchinello

Camila Zurchimitten Barbachã

Gabriela Richter Lamas

João Vicente Corrêa de Oliveira

Leonardo Charqueiro Bourscheid

Coordenação do Projeto

Josias Pereira

Giovana Janhke

Alunos do Projeto 2011

Ana Cristina Radmman

Andreza Souza da Silva

Bruno Eslabão

Camila Becker Canez

Daniel Tournhelsen

Eliziane Hernandez da Fonseca

Fernanda dos Santos Peres

Gabriele da Silva Gonçalves

Gerson Krumreich

Gustavo Marasca da Silva

Inessa Emanuela Machado

Jenifer de Avila Beskow

Jennifer de Oliveira Sell

Jéssica Ribeiro Noguez

Jociele Quinzen

Juliane Gonzales da Silva

Kalini Rutz Schneid

Luis Carlos Lopes Junior

Mariana Menna da Luz

Natália Felsch

Rodrigo da Silva

Fotos dos Curtas

Gravação curta Regina quer Casar



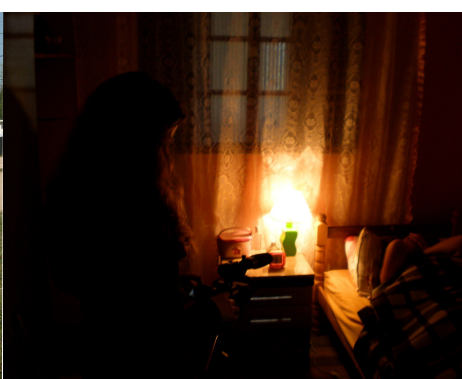
Gravação Velho Craque





Gravação Curta Debutante





Gravação do curta O Dilema



Referências Bibliográficas

- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23,
- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1995.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas, SP : Papirus, 1993.
- BABIN, KOULOUMDJIAN, Marie France. Os novos modos de compreender : a geração do audiovisual e do computador. São Paulo : Paulinas, 1989.
- BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; NASCIMENTO, Elvira Lopes –Gêneros textuais e o livro didático: da teoria à prática - *Revista Lin-guagem em (Dis)curso*, 2007.
- BELLONI, Maria Luiza. *O Que é Mídia-Educação*. Campinas-SP: Autores associados, 2001.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na Atualidade – A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: CASASSUS, Juan. *Uma nota crítica sobre a avaliação estandarizada: a perda da qualidade e a segmentação social*. Sísifo: *Revista de Ciências da Educação*, p. 71-79, 2009.
- COSENZA, Ramon. *Neurociência e Educação - Como o Cérebro Aprende*. Campinas: Editora: ARTMED, 2011
- DUARTE, Rosália. *Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- FERRÉS, J. *Vídeo e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
- _____. *Televisão Subliminar - Socializando através de comunicações persuasivas*, Artemed, Porto Alegre, 1998.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'água, 1995.
- _____. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, 2002.
- _____. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 7.ed. São Paulo : Paz e Terra, 1997.
- _____. Paulo. *Educação e Mudança*. 23ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001
- GADOTTI, M.. *Historia das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.
- GARDNER, H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GUIRALDELLI, Paulo. *O que é pedagogia*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GUTIÉRREZ Francisco. *La mediación pedagógica y la tecnología educativa*. Tecnología Educacional, São Paulo, 1996.
- HAWKINS, Jan. O uso de novas tecnologias na educação. *Revista TB*. Rio de Janeiro: 120; 57-70, jan/mar, 1995.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência - o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução Carlos Irineu da Costa, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e massa*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999,

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MATURANA R., Humberto Emoções e linguagem na educação e na política / Humberto Maturana; - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MCLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1969.

_____. A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Nacional, 1972.

MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000. 133p.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (orgs). Escritos de educação. Petrópolis, Vozes, 1998.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. Pais e Educadores: quem tem tempo de educar. Porto Alegre: Mediação, 2007

PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998), dos PCNEM (BRASIL, 1999 e dos PCN+ (BRASIL, 2002),

PORTO, Tânia . A televisão na escola... afinal, que pedagogia é esta? Araraquara, SP : JM, 2000.

_____. A formação docente na escola e a construção de um paradigma de comunicação. XI ENDIPE, Goiânia, 26 a 29 de maio de 2002.

_____. Educação para mídias/pedagogia da comunicação: caminhos e desafios. In: PENTEADO, Heloisa D. de Oliveira. Pedagogia da Comunicação : teorias e práticas. São Paulo : Cortez, 1998.

PRETTO, Nelson; ALVES, Lynn Rosalina Gama. Escola: um espaço de aprendizagem sem prazer?. Revista Comunicação e Educação, Bahia, n° 16, pág. 29-35. 1999

PRETTO, Nelson de Luca. Uma escola sem/com futuro : Educação e multimídia. Campinas : Papirus, 1999a.

RECUERO, Raquel . Redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. São Paulo, Brasiliense, 1983.

SILVERSTONE, Roger. Inventar o quinto poder. Entrevista à revista Carta Capital, 12/2/03 ano IX, n 227, São Paulo: Editora Confiança, 2003.

THIOLLENT, M.J.M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1992.